

DIRECTORA: NASSALETE MIRANDA | 15 DEZEMBRO DE 2010 | Nº40 | PREÇO: 2 EUROS | QUINZENALMENTE ÀS QUARTAS

ISSN: 1647-290X

literatura | PÁGS.6E7

Alberto Sampaio na Galiza

Exposição itinerante em Ourense a partir de Janeiro literatura | PÁGS. 10 E 11

Francisco d'Eulália por Miguel Veiga

..."uma mediação para o percurso destes poemas" cinema PÁGS. 12 E 13

Mistérios de Lisboa

Camilo Castelo Branco é uma das glórias literárias de Portugal, *por Lauro António*

ENTREVISTA A JOSÉ MIGUEL FERREIRA

Imagens, Douro, Porto, vinho!

A partir de hoje na Estação da Trindade inaugura a mostra fotográfica «A Rota do Vinho do Porto».



O Presépio de **Júlia Ramalho**

Cláudio Lima

Eu gosto dele assim na ingénua rusticidade de duas mãos incultas sobre barro indócil.

Naif, kitsche, pastiche — dizem os entendidos respaldados na suficiência anchos de presunção.

Eu gosto dele assim.

A santidade e a ternura plasmadas apenas sob o influxo do coração.

A mãe não é bela nem o filho divino nem sequer José merece auréola.

São vulpinos e lupinos mais que asininos e bovinos os animais do bafo.

Mas que importa?

Num palheiro assim artesanal não sei se minhoto ou judeu é que o Natal é mais Natal e o Menino mais meu.



entre nós

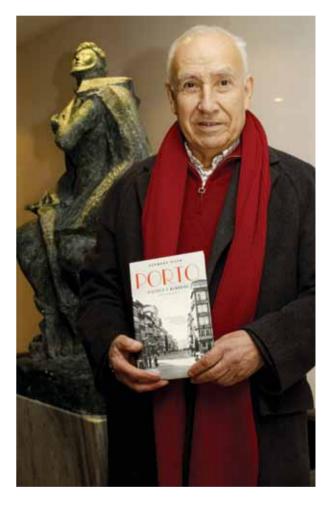
Assina Germano Silva

A biblioteca Almeida Garrett foi a «casa» escolhida para a apresentação do novo livro de Germano Silva, chama-se Porto: História e Memórias e foi apresentado pelo Professor Doutor Francisco Ribeiro da Silva. O evento contou ainda com a actuação do Rancho Folclórico do Porto.

Maria José Guedes Ângela Velhote (foto)

autor, que também é jornalista disse ao AeL que o apelo que sente para escrever sobre o Porto começou há muitos anos com um chefe de redacção, "dos que hoje não existem", e que lhe disse que para ser um bom repórter tinha de conhecer bem a cidade. "E procurei conhecer bem a cidade e comecei com coisas muito simples, como seja a saber o nome das ruas. Para isso através de um anuário, bastante antigo, fiquei a saber o nome actual das ruas e o que haviam tido. E a partir daí achei graça e entusiasmei-me e comecei a descobrir que o Porto é uma cidade que vale a pena descobrir. Vale a pena entrar na sua história, porque entrando aí vamos descobrir a nossa própria história. E mais tarde, o meu chefe de redacção disse que eu não podia ficar com essa sabedoria só para mim, disse que tinha de a partilhar com os outros e então comecei a escrever as crónicas...". E nas crónicas reunidas neste livro, a maior parte delas publicadas no JN, o autor apresenta alguns dos lugares mais simbólicos do Porto – e em cada rua, largo, igreja ou monumento encontra forma de nos transportar aos tempos idos e ao mesmo tempo dá a conhecer o quotidiano dos portuenses

naqueles «dias e anos». No prefácio, Mário Cláudio, sublinha que Germano Silva é de uma prosa "rigorosa na formulação porque amparada na análise dos factos (...)". Germano Silva diz que não podemos esquecer que o Porto em gente " tem pessoas dentro. Acho que neste momento a cidade está menosprezada no património mais importante que tem, e que sublinho, são as pessoas. São de facto o património mais rico da cidade, pela sua identidade, pelo seu carácter, pela sua participação na vida cívica e... a cidade está a perder a memória. É nesse sentido que este livro aparece, para alertar exactamente para isso. É necessário voltarmos a saber preservar aquilo que é nosso. O que eu procuro com este livro é levar as pessoas a capacitarem-se que vivem numa rua que tem história, ou que passam e trabalham numa rua com história, que vão a uma igreja com história..., portanto é urgente preservar essas histórias, porque se as pessoas se convencerem disso, a nossa cidade só tem a ganhar." Em Porto: História e Memórias. Germano Silva aparece como se fosse um guia que nos apresenta as ruas da cidade, expondo os seus segredos e as suas origens. O autor, um assumido eterno apaixonado da cidade Invicta. ainda tem o «Porto: Histórias e Memórias» quente nas bancas e já pensa numa nova publicação: "o próximo não sei, tenho vários projectos... ". Ficamos à espera!



CONSELHO EDITORIAL

Arnaldo Saraiva | Agustina Bessa-Luís | António Vitorino d'Almeida | António Joaquim Oliveira | Carlos Fiolhais | Francisco Laranjo | Francisco Ribeiro da Silva | Helder Pacheco | José Atalaya | José Rodrigues | Lemos de Sousa | Lídia Jorge | Luisa Dacosta | Manoel de Oliveira | Mário Cláudio | Miguel Veiga | Óscar Lopes | Salvato Trigo | Urbano Tavares Rodrigues

COLABORADORES ESPECIAIS

Adelto Gonçalves | António José Queiroz | António Vera | Armando Alves | Cacilda Celso | Carlos Cabral Nunes | Carlos Vaz | Cristino Cortes | Domingos Lobo | Francisco d'Eulália | Ivo Cruz | Isabel Ponce de Leão | Jorge Lima Barreto | Lauro António | João Maria Nabais | Jorge Sanglard | Manuel Sobrinho Simões | Maria Antónia Jardim | Ramiro Teixeira | Rodolfo Alonso





PARA ASSINAR

Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9.º Esq. | 4050-012 Porto Telefone e Fax: 22 606 35 56 | Telemóvel - 91 803 56 76 | E-mail: artes.entreletras@gmail.com Desejo receber As Artes entre as Letras, 50 euros / ano | Transferência bancária para o n.º 0033-0000-45377147275-05 ou envio de cheque

.....

Para assinar online: www.artesentreasletras.com.pt



singular Plural, Arte & Comunicação, Unipessoal Lda. Capital Social: 5.000 € Número de Certidão: 0232-6801-3200 Conservatória do Registo Comercial de Vila Real

AS ARTES ENTRE AS LETRAS
Praceta Bug! Adelino Amaro da Costa, 764 - 9° Esq.
4050-012 Porto
Telefone e Fax: 22 606 35 56
Telemóvel - 91 803 56 76
E-mail: singplural@gmail.com
Publiciaclade
Praceta Bug! Adelino Amaro da Costa, 764 - 9° Esq.
4050-012 Porto
Telefone e Fax: 22 606 35 56
Telemóvel - 91 803 56 76
E-mail: singplural@gmail.com



Directora: Nassalete Miranda; Editora: Maria José Guedes; Jornalista: Isabel Fernandes; Fotografia: Ángela Velhote; Pub/Marketing: Cláudia Diz; Grafsmo: Armando Alves; Paglinação: Pedro Cunha; Site: Criação no âmbito do projecto desenvolvido no ISLA por Joaquim Jorge Santana Oliveira | Contactos: Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764-9º esq. | 4050-012 Porto; Telefone e Fax: 22 606 35 56; Telemóvel; 91 803 56 76; Email: artes.entreletras@gmail.com; Registo na ERC: 125685

Impressão: Selecor - Artes Gráficas, LDA - Rio Tinto - Telef:. 22 485 42 90
Distribuição: VASP - MLP, Media Logistics Park, Quinta do Grajal - Venda Seca 2739
- 511 Agualva Cacém - Telef:. 21 433 70 00 - Pontos de Venda: contactcenter@vasp.pt
- Telef:. 80820655 - Fax:: 80820613

Propriedade: Maria N. G. Diz | NIF: 172074690 | Tiragem: 1250 exemplares Interdita a reprodução, mesmo parcial, de textos, fotografias ou ilustrações sob quaisquer meios, e para quaisquer fins, inclusive comerciais

a vida dos livros

"Educar é desenvolver"

"Se não estudas estás tramado" de Eduardo Marçal Grilo (Tinta da China, 2010) é um conjunto de textos sobre a importância da Educação e da aprendizagem, como factores fundamentais de desenvolvimento. As reflexões de um especialista com provas dadas são uma oportunidade excelente para tirarmos lições para os dias de hoje sobre a necessidade de assumirmos, com todas as consequências, uma sociedade educativa apta a corresponder aos estímulos do mundo global em que vivemos. "Nada será conseguido, no entanto, (diz o autor) se os nossos alunos e as suas famílias não assumirem que estudar implica trabalho, esforço, dedicação e sacrificio, para os quais tem de se estar preparado". E acrescenta: "O País mover-se-á muito em função do que for o trabalho das suas escolas, numa perspectiva de complemento da educação ministrada pelos pais e pela família".



Guilherme d'Oliveira Martins

VALORIZAR A EDUCAÇÃO

A história da educação merece uma reflexão especial. Há demasiadas simplificações relativamente às quais temos de estar de sobreaviso. A educação como valor não tem sido suficientemente considerada entre nós, enquanto questão fundamental e de sobrevivência. Lembramo-nos da Carta de Bruges enviada pelo infante D. Pedro, o das Sete Partidas, a seu irmão D. Duarte. Aí se dizia que as sociedades civilizadas davam importância à educação, e que esse era o melhor caminho para superar o parasitismo, a ociosidade e a indiferença. No entanto, com o tempo, se houve diversos sobressaltos, o $\,$ certo é que a arte de educar não teve o lugar social que se lhe exigiria. Houve diagnósticos severos, julgamentos impiedosos, acusações mútuas. Hoje, com as melhores das intenções, digladiam-se diversos argumentos e escolas de pensamento – e invectiva-se a perda de qualidade da instrução e a responsabilidade dos sistemas. Tenho muita dificuldade em entrar nas explicações unívocas e simplificadoras. Fico sempre com a sensação de que por melhores intenções que haja, o que importa é seguir persistentemente o caminho que defina objectivos e que escolha instrumentos adequados, com pragmatismo e um sentido apurado de exigência, disciplina e rigor. Quanto mais estudamos a história comparada da educação mais se chega à conclusão de que não há receitas, modelos ou sistemas perfeitos e infalíveis. O que funcionou com uns não funciona com outros, e o importante é pôr no centro das preocupações sociais a educação e a aprendizagem como valores. Não me canso de citar o caso da Noruega em que a igreja reformada luterana ao proibir, no início do século XIX, o casamento de iletrados (por obrigação de transmitir a mensagem da Bíblia) conseguiu acabar com o analfabetismo em duas gerações, por força do papel multiplicador desempenhado pelas mulheres. Em Portugal, temos ecos das críticas severas que rodearam a introdução do método João de Deus na aprendizagem da leitura bem como das grandes dúvidas alimentadas sobre a prioridade dada à alfabetização. Na Primeira República, apesar da determinação que rodeou as reformas de António José da Almeida, de Leonardo Coimbra e de João Camoesas não foi possível ter, como se desejava, os resultados almejados (desde a alfabetização até ao incremento nas taxas de escolarização e na qualificação da população do país).

PAÍS FECHADO, PAÍS ABERTO

A ideia do Estado Novo de um país rural e fechado fez marcar passo a instrução. Apesar dos avanços dos anos sessenta e setenta, chegámos a 1974 com 25% de taxa de analfabetismo e baixos níveis de qualificação da população activa. Só em 1986, a Lei de Bases do Sistema Educativo adoptou nove anos de escolaridade obrigatória. A rede das escolas foi sujeita a uma pressão inédita e o recrutamento de professores teve de acompanhar o rápido crescimento da população estudantil. Porém, massificação e qualidade contradizem-se. De 1960 para 1990, o número de alunos matriculados nos 2º e 3º ciclos do ensino básico foi multiplicado, respectivamente, por 3 e por 4. No ensino secundário, enquanto em 1961 concluíram o antigo 7º ano dos liceus cerca de 2700 estudantes, em 1970 foram $6800 \mathrm{\ e}\,\mathrm{nos}\,\mathrm{anos}\,90\,\mathrm{cerca}\,\mathrm{de}\,170\,\mathrm{mil}\,\mathrm{alunos}\,\mathrm{tiveram}$ aproveitamento no 12º ano... Os números impressionam e são muito pouco recordados. Esta é a evolução real que tivemos, o que impede comparações simplificadoras entre o liceu de há cinquenta anos e o secundário actual. Mas se as diferenças são gritantes e se os progressos nos últimos anos são evidentes, a verdade é que tudo isso não pode levar-nos a qualquer displicência. Há um longo caminho a

AVANÇAR COM PEQUENOS PASSSOS

No final dos anos noventa foi dado um salto enorme na educação pré-escolar, que até então muitos desvalorizavam na sua função educativa fundamental. As novas escolas profissionais (criadas nos anos oitenta) tornaram-se peças essenciais para o novo ensino secundário, preenchendo um vazio e animando uma nova filosofia de certificação correspondente ao nível 2 de formação. O desenvolvimento do ensino superior (universitário e politécnico) e a articulação com a investigação científica fez-se pela internacionalização e pela complementaridade entre o estatal e o privado. Temos, porém de compreender que

não há política educativa de curto prazo. É indispensável a formação de consensos duráveis e sérios, quanto a objectivos estratégicos e quanto a uma avaliação exigente e rigorosa dos progressos obtidos. Daí que tenhamos de perceber não ser possível transigir com a facilidade. Avançámos muito, mas com as fronteiras abertas temos de verificar que os nossos concorrentes directos (os países mais desenvolvidos) avançam mais depressa. Daí que tenhamos de trabalhar muito mais, de ser muito mais exigentes e de praticar uma diferenciação positiva que incentive e reconheça os melhores e o seu mérito, que assegure a igualdade de oportunidades, que combata a exclusão. Mas cuidado! O "servico público de educação" (a rede que não se confunde com o ensino estatal) é chamado a compreender a complexidade da democratização: em que a educação para todos tem de se ligar ao combate à mediocridade e ao reconhecimento da qualidade e das

APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO

A sociedade tem de assumir a responsabilidade de reconhecer a aprendizagem como valor do desenvolvimento humano. Educar obriga a que o triângulo escola - família - comunidade seia actuante. que o investimento social na formação das pessoas seja partilhado por todos, que a cidadania activa e a formação cívica se liguem à liberdade e à exigência no ensinar e aprender. Nesse sentido, importa contrariar a ideia de que a educação apenas cabe à escola. A família e a sociedade, como realidades heterogéneas, têm de estar na primeira linha. Aos educadores profissionais que são os professores temos de ligar os educadores naturais que estão nas famílias. Eis porque a desvalorização social da arte de educar se deve, não tanto aos sistemas, mas à própria sociedade. No caso dos países nórdicos, a sociedade toda é que se mobilizou para pôr a educação no centro do desenvolvimento e da democracia. Se continuarmos a pensar a política educativa como reservada aos técnicos e aos pedagogos, continuaremos a recusar-lhe o valor que lhe é exigido. Se estamos insatisfeitos (e é legítimo que tal aconteça), assumamos as responsabilidades todas — e percebamos que há consensos estratégicos a assumir para um prazo alargado. Não basta invocar o caso finlandês e os seus resultados - designadamente quanto ao objectivo de combater as reprovações e o desperdício de energias. É preciso entender que estamos perante um tema de todos e não só de alguns. Por isso, Knut Wicksell exigia consensos que ultrapassassem os ciclos eleitorais.

entrevista



Projecto do fotógrafo português radicado na Suíça dá primeiro passo na Estação da Trindade

«A Rota do Vinho do Porto» itinerante

José Miguel Ferreira é fotógrafo português, mas vive na Suíça há 20 anos. É de lá que tem divulgado Portugal e um dos símbolos portugueses mais conhecido no mundo. Assim, «A Rota do Vinho do Porto», um dos seus projectos de trabalho, prepara-se para continuar a viajar. Em Portugal estará a partir de hoje no Metro do Porto. Mas também a Linha do Tua lhe merece atenção. Fotografou a linha quando começou a ouvir falar do fim anunciado e agora vai expondo as imagens... José Miguel Ferreira partilhou experiências e motivações com As Artes entre As Letras por e-mail e explicou o processo fotográfico que usa nas suas imagens, a Platinotipia.

Isabel Fernandes | texto José Miguel Ferreira | fotos

Explique-nos o projecto «A Rota do Vinho do Porto» e se há data prevista para ser mostrado em

O projecto sobre a Rota do Vinho do Porto começou a germinar logo após uma curta viagem a Portugal em 2006, da qual resultou o portfólio «Estudo de viagem». Depois de ter passado quase duas décadas no estrangeiro, veio uma vontade de "reapropriação" da identidade lusitana e, naturalmente, escolhi o tema do Vinho do Porto, um símbolo português muito forte e presente não só em Portugal como no resto do mundo. Depois da apresentação de uma parte deste trabalho, na Galeria PHOTO4, em Paris, surgiu a possibilidade de realizar uma exposição itinerante do projecto «A Rota do Vinho do Porto», acompanhada por uma publicação trilingue (Português, Inglês e Francês). A publicação está prevista para a Primavera 2011, e em Portugal o trabalho vai começar a ser exposto já no final



deste ano, uma iniciativa da AETUR - Associação dos Empresários Turísticos do Douro e Trás-os-Montes Terá lugar na Estação da Trindade do Metro do Porto a partir de 15 de Dezembro, com inauguração marcada para as 15 horas, onde estará durante um mês.

Em que consistem todas as reuniões que o trazem a Portugal?

A fase actual do projecto consiste em planificar as exposições do trabalho fotográfico e angariar o financiamento necessário à publicação do livro/catálogo, através do estabelecimento de parcerias com várias entidades, em Portugal e não só. Os resultados obtidos até agora são bastante satisfatórios/motivadores e o projecto caminha a um bom ritmo.

Entre que período é que as fotos foram tiradas?

A primeira fase do projecto sobre a Rota do Vinho do Porto começou no início de Fevereiro 2008, com a viagem de Genebra até ao Porto numa antiga carrinha VW do exército suíço. Demorou seis dias. Privilegio esta forma de viajar porque não somente a carrinha serve de hotel e cozinha mas permite também encontrar-me num sítio desejado à hora mais propícia para fotografar, dependendo do sujeito e da luz. Já em 2002-2003, para o projecto na França, «Franca Terra», tinha utilizado também uma velha carrinha VW, mas essa tinha pertencido aos Correios... Uma outra particularidade desta antiga carrinha da tropa é o facto de ter um problema mecânico que faz com que o motor pare, sem aparente razão, e me faça esperar entre 5 e 10 minutos, o tempo do motor descansar... Era muito chato no princípio, e felizmente obrigou-me a evitar vias rápidas, mas cedo reparei que cada vez que a carrinha parava, havia uma imagem "à minha espera". Algumas das melhores imagens deste projecto foram feitas desta maneira. Assim, começaram em Fevereiro as primeiras fotografias no Porto e Douro, e acabei de fotografar em Setembro de 2008, com as vindimas. Seguiu-se a fase de laboratório com a produção das tiragens platina/paládio e neste momento o projecto está na fase final da organização da publicação com as várias exposições que seguirão em Portugal e vários países europeus.

O livro é constituído por fotos acompanhadas por textos. São textos gerais ou explicativos de cada fotografia?

As fotografias no livro são acompanhadas por poemas do escritor A.M. Pires Cabral, que escolheu alguns dos seus versos sobre o Douro para acompanharem certas imagens. Haverá também um texto de introdução da minha autoria e o prefácio será do Prof. Gaspar Martins Pereira.

Usa uma técnica de fotografia já pouco utilizada hoje em dia. Quer-nos explicar em que consiste?

O processo fotográfico é a Platinotipia, um processo alternativo usado por alguns fotógrafos durante o início do século XX. A Platinotipia é um processo de impressão fotográfica patenteado em 1873 por William Willis. Durante a Primeira Guerra Mundial, os preços da platina subiram devido à sua função como catalisadora de explosivos. Como resultado, os fotógrafos necessitaram de investigar outros processos fotográficos — a gelatino-bromide de prata entre eles. Em pouco tempo, o papel revestido de platina desapareceu do mercado. Ouando foi redescoberta nos anos 1960, a Platinotipia foi uma vez mais acolhida

entrevista



■ Paisagem do Douro-2008

por causa da imensa gama tonal que esta técnica permite a cada fotografia. A principal vantagem desta técnica é a impregnação de sais de platina/paládio, finamente divididos, na fibra do papel, permitindo que a imagem dure o mesmo tempo que o papel no qual é gravado. A platina/paládio é um processo extremamente lento (por impressão contacto), método que exige uma luz ultravioleta muito forte e que o negativo seja do mesmo tamanho que a fotografia desejada. Com um pincel, um bom papel aguarela é sensibilizado com uma mistura de sais férricos (sensível à luz UV) e sais de chloroplatinite e/ou chloropalladite. Uma vez seco, o papel será exposto à luz UV em contacto apertado com o negativo. Processada, após a revelação, numa solução de oxalato de potássio, citrato de amónio ou de outros reveladores adequados para a impressão Pt/Pd, a fotografia é composta de platina (e/ou paládio), prestando à imagem uma subtil tonalidade que pode variar de frio metálico a quente vermelho, em função dos metais nobres utilizados na preparação da mistura e da temperatura do revelador.

Entre 2002 e 2009 fez portfólios de paisagens naturais e urbanas da Suíça, França e Portugal. É aí que se inserem as fotos deste projecto?

Cada projecto é diferente, mas globalmente pode-se inserir este projecto na linha do meu trabalho que, penso, vai continuar.

E os trabalhos que tem da Linha do Tua, e que expôs no Verão em Portugal, como é que surgem?

O trabalho sobre a Linha do Tua foi um 'à parte' durante o projecto sobre a Rota do Vinho do Porto. Uma vez que estava na região e que fiquei chocado com o projecto da barragem, era natural testemunhar a Linha do Tua enquanto existisse, e espero que ainda exista durante muito tempo, pelo menos tanto tempo como as tiragens platina/ paládio que foram feitas da linha!

De Portugal só fotografa o Norte?

Em 2008 não fotografei só a Rota do Vinho do Porto e a Linha do Tua, mas também os vários parques naturais e algumas cidades do rio Mondego para cima, o que representa mais ou menos um terço de Portugal. O meu objectivo é fotografar o resto do país nos próximos anos, mas para isso precisarei de apoios e financiamentos que



■Estendal na Afurada-2008

talvez consiga encontrar uma vez terminado o projecto sobre a Rota do Vinho do Porto.

Suíça, França e Portugal. Porquê estes países?

A Suíça pela simples razão que é onde eu moro, e mesmo assim não posso dizer que fotografei plenamente a Suíça mas mais a região de Genebra, que, aliás, está cercada pela França. De qualquer maneira não fotografei a Suíça como a França, onde passei um ano a viajar nas várias regiões e deu origem ao projecto "Franca Terra". Escolhi a França entre 2002 e 2003 porque é um país que adoro, com uma diversidade extremamente rica. Desde adolescente que tenho uma afinidade especial com a França, que considero mais como o meu segundo país do que por exemplo a Suíça, onde estou radicado desde há 20 anos.

A exposição que integra o projecto «A Rota do Vinho do Porto» já esteve este anos em Itália (na Galleria Sant' Angelo). Como é que surge?

A escolha do projecto sobre a Rota do Vinho do Porto foi feita pela galeria após ter consultado os meus vários portfólios, mas a exposição já tinha sido agendada antes de surgir a ideia da publicação.

As fotos que integram o livro foram as que estiveram expostas no Museu do Vinho do Porto ou são outras?

A exposição no Museu do Vinho do Porto foi mais como uma introdução ao meu trabalho, uma vez que a exposição só comportava um número muito reduzido de imagens.

De uma maneira geral, o seu trabalho destina-se a que público?



■Quinta do Panascal-2008

Espero que o meu trabalho se destine a todo o tipo de público. Há imagens mais acessíveis que outras para quem não tem uma verdadeira cultura iconográfica, que seja na fotografia ou na pintura e mesmo na arquitectura. Por outro lado, há também imagens que serão certamente mais apreciadas por "especialistas" da imagem e fotografia com referências e "homenagens" diversas à história da fotografia e da pintura.

Fundou e preside a Associação Muse 9 - Arte e Ciência, que "apoia artistas e sensibiliza o público para as questões ambientais". Os projectos A Linha do Tua e a Rota do Vinho do Porto inseremse nos objectivos da associação, ou surgem paralelamente?

Dos dois projectos só A Linha do Tua se insere nos objectivos da Associação, e como tal faz parte dos projectos realizados pela Associação Museo.

Está a par da intenção de construir uma barragem e destruir a Linha do Tua... O que ainda tem a dizer sobre esta intenção?

Sim, infelizmente estou a par dessa intenção e tento fazer todo o meu possível para divulgar a Linha do Tua e a ameaça que pesa sobre ela através de exposições (Março 2009 em Paris, Agosto 2010 em Sanfins do Douro) ou manifesto radiofónico (Rádio Renascença - Espaço Multimedia Online). Não me querendo repetir, vejo isso como um crime e uma falta de visão a curto, médio e longo termo. Enfim. um erro colossal!

Na primeira pessoa

Nasci em Angola em 1972 e depois da revolução do 25 de Abril a minha família instalou-se em Lisboa e a seguir em Coimbra. Vivo e trabalho (fotografia, design gráfico) em Genebra, na Suíça, onde estou radicado desde 1991. De 1991 a 1994 trabalhei na hotelaria como recepcionista. Foi em 1991 num desses hotéis onde instalei o meu primeiro laboratório fotográfico. Em 1995-1996 vivi e trabalhei em Salzbourg como barman e Munique como informático para a Apple. Em 2002 liquidei a minha empresa em serviços informáticos em Genebra para dedicar mais tempo à fotografia, e durante um ano, o projecto fotográfico «Franca Terra» levou-me a viajar por toda a França. Tenho uma filha de 10 anos, a Chiara. Pratico (mal) o clarinete. Que mais... Ah! Sim, espero regressar em breve a Portugal.

Exposição itinerante Alberto Sampaio na Galiza

Na natureza a gente aprende mais do que nos livros

Alberto Sampaio

António Martins

Emília Nóvoa Fria

exposição "Os frutos da terra em Alberto Sampaio", projectada no âmbito das Comemorações do Centenário da morte de Alberto Sampaio em 2008, vai iniciar, no prosseguimento do seu programa de itinerância, um périplo por instituições culturais da Galiza. A curiosidade pelo historiador das Villas do Norte de Portugal e das Povoas Marítimas estende-se, assim, até ao noroeste da península ibérica. com o Museo Etnolóxico de Ribadavia, em Ourense, a acolher a mostra a partir de Janeiro de 2011 e a fazer as "honras da casa". Alberto Sampaio será, deste modo, o embaixador da cultura portuguesa no próximo ano, em terras galegas, alargando o caminho para um maior intercâmbio de projectos culturais entre regiões praticamente indiferenciadas nos seus costumes e tradicões.

É através da ruralidade, tema transversal da sua obra e tão intensamente presente nas longas temporadas passadas na Quinta de Boamense, em Vila Nova de Famalicão, que Alberto Sampaio se revela nesta exposição onde são abordadas, separadamente, seis temáticas – a vinha, o campo, a horta, o pomar, o jardim e a floresta –, tantas quantas identificamos como tendo constituído matéria de estudo e de experimentação nas suas propriedades no Minho. Aos muitos apontamentos manuscritos que integram o seu espólio sobre os mais



diversos assuntos, desde trabalhos vitivinícolas à simples lista de flores cultivadas no jardim, juntam-se catálogos de viveiros nacionais e internacionais, anotados por si, cartas trocadas com alguns dos seus amigos, que, tal como ele, também se dedicavam, nos tempos livres, às práticas agrícolas, publicações onde o seu nome aparece referenciado e ainda distinções atribuídas aos vinhos que produziu. Com a recriação do cenário do espaço habitado pelo historiador das instituições rurais, como lhe chamou Franz-Paul Langhans, pretendeu-se, também, trazer de volta à memória colectiva, a visão do mundo rural tal

como se manifestava em pleno século XIX, evidenciando algumas das práticas mais antigas, muitas delas símbolos da identidade de uma forte cultura popular.

Nos dez painéis expositivos desenhados de forma a apelar a um encontro com a natureza e à "rítmica sucessão dos trabalhos rurais", somos postos perante um vasto quadro da nossa história agrária. No conjunto de imagens e textos que lhe dão conteúdo, sobressaem não só o rigor de informação, planeamento e organização das tarefas que, por norma, faziam parte do método de trabalho de Alberto Sampaio, como também a sua particular sensibilidade tantas vezes expressa nos seus pensamentos.

A aproximação ao intelectual e agricultor, num registo de intimidade e de partilha do seu universo privado, faz-se através de diversos objectos e publicações que lhe pertenceram, expostos em vitrinas que completam a exposição. Os instrumentos do seu laboratório, usados nas suas experiências vinícolas, os prémios das exposições realizadas em Filadélfia (1876), Porto (1880), Lisboa (1884), Berlim (1888) e Paris (1889), os livros especializados que comprou nas suas viagens a França e Inglaterra, com os estudos mais recentes que lá por fora se faziam, os catálogos por onde encomendava as "novidades" que depois ensaiava na Quinta de Boamense, constituem peças únicas trazidas da sua Casa que propomos à apreciação do público.

Com esta exposição propomo-nos, também, levar à Galiza o verde dos campos as cores vivas dos frutos e

Com esta exposição propomo-nos, também, levar á Galiza o verde dos campos, as cores vivas dos frutos e das flores, misturadas com os aromas fortes das terras do Minho. Levar, em suma, Alberto Sampaio e os seus frutos da torra



Alberto Sampaio Um fruto precioso da Terra

Ana Filgueiras Rei

Escrever sobre alguém muito querido e admirado é, porventura, um assunto complicado, pois os laços invisíveis do afecto tecem, na calada, um discurso sentido e apaixonado. Manter uma distância cautelosa para escrever as palavras certas, sem excesso, é um exercício necessário mas incómodo, pois a paixão é um sentimento humano, natural e quase inevitável, eu diria até muito legítimo quando provém, candidamente, do coração. Assim, à partida, eu sou culpada, pois confesso sentir uma contida e intensa admiração por Alberto Sampaio.

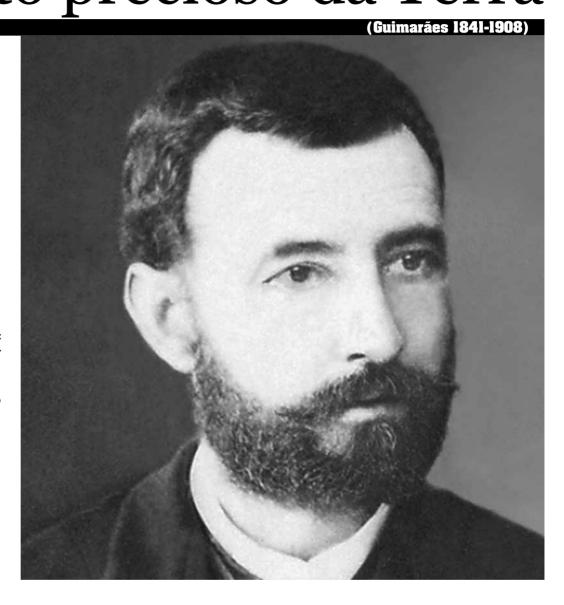
ALBERTO SAMPAIO E A TERRA

Alberto Sampaio, filho de uma terra de alma antiga e serena: Guimarães, a da harmoniosa beleza, beleza aliás pródiga por todos os seus recantos com essa simplicidade reservada à natureza sagrada e poética de uma terra muito antiga. Não podia Alberto Sampaio dispor de berço mais belo para vir ao mundo, filho sempre amado e reconhecido por ela. Mesma essência, como ele, seduz-nos a finura suave e requintada do seu nobre espírito, qualidade que procede da dignidade humilde e antiga da gente do norte, sóbria, pundonorosa, mas exalando sempre uma confortável familiaridade, alegre, quente e hospitaleira. Esse espírito que nos faz sentir o palpitar suave e admirável da beleza pacificadora de elegância quase sagrada. Assim, pura e indelével é a evocação em mim do homem e da terra.

O INVESTIGADOR COM ALMA DE LAVRADOR

Precursor, autodidacta, metódico e exigente, a sua serena curiosidade investigadora de ritmo e cadência própria da inteligência madura fez dele um vitivinicultor excepcional, promotor na sua terra da "arte de fazer vinhos". Conseguiu produzir excelentes vinhos na sua Quinta de Boamense (Famalicão) tendo sido premiado em exposições internacionais. Essa sua "curiosidade científica" levou-o a experimentar, neste âmbito, a aplicação teórica e prática do seu saber. Os seus conhecimentos agrários, ligados à sua fina inteligência e à sua muito especial sintonia com a natureza, fizeram dele um prodígio intuitivo para a prática agrícola.

"Escavando" as raízes profundas do povo, a chamar a atenção sobre a cultura e o prodígio fecundo das terras do norte, particularmente das terras minhotas, firme na sua vontade de dinamizar social, económica e culturalmente o norte português, preocupado pela prosperidade agrícola regional, nunca suficientemente cuidada e apoiada pelo Estado. Analisando a questão agrícola, procurou soluções e renovações que aproveitassem a energia do povo, colocando o trabalho agrícola categoricamente à mesma altura que



o trabalho industrial, pilares da economia pública do seu tempo. Este seu constante desvelo pela autonomia e futuro desenvolvimento da sociedade agrária partilhava-o também com outro preclaro vimaranense, Francisco Martins Sarmento, "o mágico desencantador de civilizações mortas" como ele próprio chamava, a que esteve ligado em vida pela amizade e, na morte, através da continuação e promoção da Sociedade com o seu nome. Sarmento, nas palavras de Alberto Sampaio, era um homem de bem, de figura e espírito distinto, de intelecto e carácter nobre e generoso, sempre dedicado aos amigos. Impulsionador do desabrochar da arqueologia no noroeste peninsular e, por isso, muito querido e admirado na Galiza, Sarmento foi o companheiro perfeito nas ânsias intelectuais de Sampaio, os dois sempre atentos ao legado cultural da tradição e do saber popular. É esse, para mim, talvez o maior mérito e encanto dos dois amigos. Neste ponto considero também existir uma feliz sintonia com outro preclaro poeta do norte, portuense memorável, Almeida Garrett.

A vinda à Galiza da exposição "Os frutos da terra em Alberto

Sampaio", é para nós um acontecimento honroso. Os seus sonhos e palavras são como pirilampos a alumiar as trevas dos campos abandonados. Eternamente ligado à terra como um lavrador agradecido e leal, minucioso como um frade que "ilumina" os seus escritos, rigoroso como crítico e historiador, inédito como poeta, discreto e honesto como homem, sublime como amigo.

De tudo o que foi dito, ficamos com a ideia que tão bem Antero exprime quando dizia: "Afinal a melhor poesia é a que se vive, não a que se escreve". Para o poeta, Alberto Sampaio, era "o suave filósofo que eu amo".

Filho da terra, fruto precioso que ainda hoje nos alimenta com essa doçura e sabor perfumado da sua prosa honesta e despretensiosa. Fique imperecível em nós essa sua vontade de nos comunicar e ensinar a amar a terra, ele que foi o seu humilde filósofo-agricultor sempre a perscrutar nos documentos e a interrogar as palavras e as pedras antigas para nos desvendar os mistérios ancestrais e os segredos da bem querida e bondosa mãe natureza.

Bem-vindo a nós Alberto Sampaio. Sempre.

A Consciência de Zeno de Italo Svevo



Ramiro Teixeira crítico literário

ttore Scmitz, ou Italo Svevo, tal como ficou conhecido no mundo das letras, nasceu em Trieste, ao tempo o grande porto comercial da Áustria, em 1861. Entre 1905 e 1907 tomou lições de inglês ministrado por um iovem chamado James Joyce. Uma tal relação afigura-se-me ter sido vantajosa para ambos. Nesta perspectiva, muito provavelmente Joyce recebeu de Svevo as primeiras impressões relativas à aplicação da psicanálise na literatura, então recém nascida e quase desconhecida fora do espaço de Viena, da mesma forma que Svevo deve ter ganho novo alento para os seus escritos, mercê dos contributos e incentivo de Joyce. Aliás. é sabido que Svevo foi o primeiro leitor crítico de "Dubliners /Gente de Dublin", tal como Joyce foi de "Uma Vida" e "Senilidade", romances estes que Svevo publicou, respectivamente, em 1892 e 1898, mas que passaram totalmente despercebidos no panorama literário de então.

Joyce jamais se conformou com o apagamento do amigo. De forma que, tão logo alcançou celebridade, tratou de a promover também para ele, aliciando, para o efeito, alguns dos seus próprios promotores. E daqui resultou, em 1926, uma declaração conjunta, subscrita por Joyce, Valery Larbaud e Benjamim Crémieux, anunciando ao mundo intelectual a nova obraprima do século: "A Consciência de Zeno", terceiro e último romance de Svevo, porque falecido pouco depois num acidente de viação. Zeno Cosini, o herói da história, é um neurótico que se dá a conhecer pela tentativa de deixar de fumar. Perante a falência de todas as artimanhas engendradas por si para acabar com o vício, decide consultar um psicanalista, que lhe recomenda o acto da escrita como meio curativo. Ei-lo, pois, a redigir escrupulosamente o seu diário, apontando os momentos fundamentais da sua existência e, em especial, os sintomas e as reflexões que o vício lhe suscita. Evoluindo num autêntico carnaval de dubiedades, Zeno não é mais do que um malabarista da sua própria consciência, engendrando a todo o momento fugas ou escapadelas para as estratégias que

planeia com o objectivo de deixar de fumar. Assim, por exemplo: "Para ter a certeza de que já me libertei o vício, vou acender um cigarro, o último. É natural que o deite logo fora, enjoado..." — o que obviamente não acontece, pois logo acrescenta: "Confesso que um cigarro me proporciona um prazer mais intenso pelo facto de o considerar o último..."

E assim também procede em relação a outros aspectos do seu quotidiano, condicionando o êxito ou o fracasso do dia, particularmente no que respeita às suas relações amorosas, que são a sua única preocupação e actividade, ao número par ou ímpar de degraus que sobe ou desce...

A sua forma de encarar o mundo, que não consegue projectar fora daquele em que vive, é de tal modo bizarra e inconsequente que se apaixona indistintamente por três irmãs: Adelina, Alberta e Augusta, propondo sucessivamente casamento a cada uma delas à medida em que vai sendo rejeitado. Consorciando-se com a última, logo arranja uma amante, Carla, encarando a situação exactamente como encara o vício de fumar. Assim, passados que são os primeiros momentos de encantamento amoroso, dá por si a analisar a situação que está a viver e a necessidade imperiosa de acabar com ela, passando, desde logo, a congeminar artifícios contrários a tal obiectivo:





"Aliás, porque teria experimentado remorsos? Esse amor chegava a propósito, para me salvar da neurastenia de que andava ameaçado, e não prejudicaria em nada a mulher legítima. Pelo contrário, pois dedicava a esta não só palavras de ternura que a afeição sempre me inspirava, mas ainda aquelas que me vinham directamente aos lábios quando pensava em Carla, Jamais, na minha casa, se vira semelhante harmonia. Era um verdadeiro encanto. Eu nunca faltava o horário estipulado para

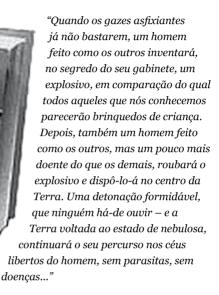
as refeições. Com este procedimento, procurava atenuar, de antemão, os meus remorsos futuros..."

Logo, porém, que se desquita de Carla, melhor, tão logo ela o repudia farta dos seus anacronismos, eis que o nosso herói medita fazer-se "mister estabelecer sem demora outra ligação...", provavelmente para não descambar em mais grave estado neurótico... Este homem, aparentemente ridículo, revela-se. afinal, um ser extremamente ladino, pelo menos para desfrutar de todos os vícios da forma mais cómoda possível. Ele é uma espécie de navegante do proibido, com reserva de ancoragem em porto seguro. Desta forma, sempre que é contrariado pelos lances do destino, adoece, pois "é graças à doença que sempre tenho tido permissão de fazer o que me apetece..."

Todo o seu mundo é mesmo seu - nem a guerra lhe modifica ou altera o seu comportamento! A grande confrontação, que destrói homens e países, é encarada com a mesma displicência que a passagem dos dias e das noites, pouco lhe importando as crises da humanidade. Ou como ele diz: "Não devemos ter pena de ninguém, senão esse sentimento toma posse da nossa vida e daí resulta aborrecimento profundo..." – além de que, se recusar a existência do que eventualmente o pode molestar ela deixa simplesmente de existir: "Deves compreender que se nada sei nada é porque nada

Esta obra bizarra, espécie de quixotesca aventura

ao redor da psicanálise, conduz-me à convicção que Svevo não só se inscreve nos percursos narrativos de Proust e Joyce, como dir-se-ia preceder o mundo de Kafka, já que tanto se identifica com as técnicas que visam o relato do subconsciente, como as que decorrem do imponderável, de um qualquer poder que escapa ao controlo do racional e da democraticidade. Neste âmbito, é bem exemplificativa uma das reflexões a que Zeno procede, antecipando, profeticamente, em algumas dezenas de anos, uma das realidades actuais que mais nos oprimem:



Após a morte de Svevo, apenas a revista "Solário", de Florença, lhe consagrou alguma atenção, apesar de ser a revista mais importante e representativa do pensamento italiano. Então, entre as diversas personalidades que foram solicitadas para testemunhar uma homenagem ao escritor, conta-se a de Joyce. Este, todavia, à semelhança do que já havia feito em relação a uma evocação sobre Ezra Pound, não só se furtou à análise crítica da obra de Svevo, como apenas lhe dedicou algumas linhas de circunstância. Eis o que ele sobre o amigo escreveu:

"Caro Colega

Agradeço muito a gentileza que teve ao solicitarme colaboração para a homenagem que "Solário" pretende dedicar à memória o meu velho amigo Italo

Acedo com muito agrado, se bem que pense que o seu destino literário depende exclusivamente da sua obra, pelo que deixo aos críticos do seu país o cuidado de emitir o juízo que acharem conveniente. Ficarei sempre, no entanto, particularmente sensibilizado pelo facto de ter tido ocasião de participar, no pouco que tenha sido, no interesse que o seu país e público internacional dispensaram a Svevo nos últimos anos da sua vida.

Guardo dele a lembrança de um homem eminentemente simpático, e a minha sólida admiração pela sua pessoa, longe de diminuir com o tempo, antes

tem crescido desde então."

A Consciência

ITALO SVEVO

de Zeno

FOLHA

A fama, de facto, não tem sido pródiga para Svevo que continua a passar despercebido – o que levou Philippe Souplaut, seu grande admirador, a declarar em 1956: "Svevo está esquecido, que injustiça!" Entre nós, toda a sua obra foi publicada. Quanto a este romance, foi originalmente editado pela Editora Minerva, na colecção Capa Amarela, salvo erro nos anos 60, apresentando-se agora sob a chancela das Publicações D. Quixote (Lisboa, 2009), na colecção "Biblioteca de António Lobo Antunes".



Em volta da poesia & da minuscula moralia, mínima por fora e máxima por dentro

de Francisco D'Eulalia



Miguel Veiga advogado

o nosso tempo as palavras tinham rosto e, para mim, um rosto da amizade é o José de Faria Costa. Somos ambos homens de afectos, a nossa bênção, a nossa maldição. O afecto é o passo mais directo para a amizade. Creio que a amizade, essa pequena palavra onde tudo está dito, é uma virtude privada que pode confessar-se num belo espaço público, como este. É a amizade que nos funda e funde nesse acerto de olhares, nesse consenso de linguagens, nessa comunhão de gostos e contragostos, nessa cumplicidade de repulsas, de preconceitos, de reflexos e, sobretudo, dos afectos das nossas águas mais silenciadas. A amizade é o lugar na terra onde mais gosto de viver, como diria o meu querido amigo José da Cruz Santos, a quem a feitura deste livro tanto deve.

Chegamos sempre tarde aos livros que imaginámos ler: eles estão sempre à nossa frente, à espera de uma impossível coincidência. Este livro do José de Faria Costa trouxe-me o gosto e a alegria dessa feliz coincidência.

Este livro, como a verdadeira literatura, é um lugar que não é lugar, um tempo que não se mede pelo tempo, uma língua que não é linguagem. Esse lugar, esse tempo, essa língua podem tornar-se objecto de um desejo, permitem pressentir uma forma particular de conhecimento ou até, talvez de revelação, de aparição a si próprio, e, quem sabe, até de consolação. Este livro de Francisco d'Eulália é uma insinuação de um romance de si próprio. Uma grafia (ia a dizer autobiografia) das suas criações e consolações.

Porque Francisco d'Eulália é, no que entendo, um agnóstico, mais indefinidamente um agnóstico metafísico, que faz das suas devoções as suas consolações. O leitor depara-se com um caso invulgar e tocante da literatura de consolação, ancorada numa antiga tradição estóica, em que o sábio é o artífice da sua própria rectidão ou perfeição e, nesse sentido, é mesmo superior a Zeus (Séneca), descontado ou não o orgulho de alguma vaidade, porventura de uma certa sobranceria, mas sempre arrimadas numa erecta altivez. Em cume altivo mesmo tendo "ao fundo a montanha". A teoria das quatro virtudes cardeais (a prudência, a

justiça, a força, a temperança) torna-se um lugar comum da moral que destas virtudes incontestadas firma a constituição de uma cultura. E deste cruzamento, deste casamento entre poesia e "moralia" nasceu este admirável e singular livro. Falo de uma moral laica que vai sabiamente da consolação ao contentamento pela constância. Direi mais: "toda a terra é pátria a quem for sábio (...) o seu país está onde estiver a sua liberdade". Leio a pág. 50: "Quando quiseres escrever um livro de consolações pensa duas vezes. Começa por não te desconsolares. Depois adormece. É melhor. É mais consolador". Isto na "moralia" XXI. Mas já no poema "A consolação dos malmequeres" (pg. 19) o poeta refugia-se na breve mas consolada alegria dessa flor magnificamente humilde face às putas mundanas das orquídeas: "A consolação dos malmequeres/é grande/ se não temos orquídeas/sempre foi assim/mas no fim/ longa vida aos malmegueres".

José de Faria Costa é uma forte personalidade da liberdade. Honra lhe seja que lhe é devida. "A tout Seigneur tout honneur"!

O que Francisco d'Eulália sentencia com densidade máxima na sua máxima XXXIX:

"Só nos libertamos pela liberdade"
Sem dono nem escravo, sem protectores nem
protegidos, assim se levanta o homem na sua dignidade
original, a liberdade. Com ele, Faria Costa, e através dos
seus vários escritos, aprendi, como seu devoto, (embora
laico), leitor pela sua cultura de Espinoza que "o fim
do Estado é a liberdade" e que "serei tanto mais livre
quanto mais livre for o outro", o que tantas vezes tenho
citado nos meus próprios e esparsos textos de escrita
tremida.

Que dizer na apresentação deste livro "Poesia & Minúscula Moralia" de Francisco d'Eulália, heterónimo, alter ego do Prof. Doutor José de Faria Costa?? Sim, que dizer? Quando não há nada a dizer que o próprio poema não o diga melhor. Já não sei quantas vezes li ou ouvi esta frase, ou outras com o mesmo sentido. Receio que eu próprio já a tenha dito ou escrito. No entanto, é quase sempre falsa ou, pelo menos, enganosa desde logo porque sugere que tudo o que se possa dizer de um poema aspira à paráfrase, a dizer o que o poema diz. (M. Queiroz).

E que dizer do poeta, do pintor, (que também o é por vocação) do académico, do professor universitário, do escritor, do mestre de humanidades e sabedoria, deste moderno e singular homem da renascença, que é José de Faria Costa? Quantas pessoas tem José de Faria Costa?

Ele se diz melhor do que ninguém, logo no pórtico deste belo livro.

"O que penso ser hoje. O que não fui ontem. O que não serei amanhã.

Caminho direito, sozinho, de cabeça erguida, mas escondo-me nas rugas da minha liberdade. Não peço, não dou, sou. Pedaço de mim que, na inteireza de amar, tropeça em desamores. Meus. Dos outros. Construtor de propósitos feitos em recados de nada que o olhar da minha avó reprovaria. Construtor de sílabas que alguns somam em palavras que depois se declinam em versos. Lúcido na aceitação do efémero que dá sentido mesmo quando ao lado gritam que não. Solitariamente solidário e solidariamente solitário. Crente em janelas que deixam entrar azul. Sofredor do frio da alma. Amigo dos olhares sem nuvens. Almocreve de ideias que os prepotentes não querem ouvir. Impenitente sombra de mim.

Talvez seja, hoje, um pouco de tudo isto. Não sei. Sei que sou infinitamente mais do que sou. Até ao limite sublime do nada.

Só a pedra lisa espelha o sol. Só nela vejo os meus olhos míopes. Só com ela está a terra dos gerânios, das estevas e dos cardos. E ao fundo a montanha.

Ressoam ecos pessoanos neste intróito, logo à boca de cena do poeta, confrontado consigo numa expressão quando não enigmática, esfíngica e, por vezes até algo hermética, embora não obscura, mas sempre inquietante, perfurante e intrigante de si própria. Pessoa também nos confessou: "quanto fui, quanto não fui, tudo isso sou". E de Francisco d'Eulália atrevo-me a dizer o que Pessoa disse dele próprio: "ou tudo ou nada tem um sentido pessoal para mim. Mas ser universal não posso, porque sou particular." Francisco d'Eulália é um poeta singular, particular, comprometido apenas com a sua própria voz. Veja-se a sua máxima XXX: "O teu compromisso com a vida é só teu. Por muito que te custe". "Solitariamente solidário e solidariamente solitário", evadido dos padrões e modismos das qualificações e das instâncias analíticoliterárias que organizam poemas como exércitos em armas que marcham a passo certo, Francisco d'Eulália é um fora de série, um extra-vagante, sem conversão, sem redenção, nem remissão, ele é, ele o diz, "impenitente sombra de mim". Mais: "sei que sou, infinitamente mais do que sou. Até ao limite sublime do nada". De postura clássica e sábia como a coruja, mas também de luminosos golpes e voos d'asa como o falcão. E quando dele digo clássico, quero também dizer de primeira classe. Aliás, tal como Pessoa, ele viaja sempre em primeira classe. Não sei se sei falar de poesia e sobretudo não sei se a poesia tem alguma coisa a ver com a literatura. Talvez

esteja antes ou depois da literatura, como dizia, e como sempre bem, o Manuel Alegre. Sei, sim que a poesia não se explica, a poesia implica como escrevia a imortal Sophia. Como não se explica o canto de uma ave, a cor de um fruto, o peso de uma flor. A poesia de Francisco D'Eulália traz-me claramente, sem tropeçar, a surpresa e o espanto das palavras encantadas, dadas à estampa e a um obscuro desígnio enleado pelo ritmo compassado da sua música velada numa partitura sem rimas. É logo o que sinto a pensar ainda o que sinto.

A música, o murmúrio da sua escrita, no seu tocante rumor, mergulha nas minhas águas mais silenciadas como uma flauta mágica. E a sua poesia tensa, densa, concisa e depurada, até ao osso limada, embora sensualmente exaltada por uma razão gulosa, traz-me um instante de revelação e de relação mágica com o mundo. Mas que dizer, com Le Clézio, desta "língua insensata que avança, magnificamente autónoma como um corpo de delfim, a correr sem esforço ao lado do corpo, ultrapassando-o, iludindo-o, rápido, através da massa de água que não consegue sustê-lo.

Nada dizer, nada mais dizer. Mas não é isso que pretende esta língua. Porque nos tornaria mudos? A música entra pelos ouvidos e deve sair pela boca, ou então pelas ancas". Sei que a palavra é um pedaço do universo e que na natureza da palavra viva esconde-se a matéria luminosa do universo. Sei, pessoalmente, com o correr dos anos, que a poesia foi-se tornando tão necessária como o pão de cada dia para a boca. Para a boca onde o gosto começa. Sim, as letras, a palavra, o corpo da escrita passaram a fazer parte da nossa respiração. Graças, vivas e serpentinas, somos gratos ao dom poético de um Francisco d'Eulália em que, a par, moralia rima com d'Eulália.

Sem embargo, a poesia é uma solidão e nós somos monges que trocamos silêncios.

Talvez tudo isto seja a poesia. Talvez o poeta, afinal, como me dizia o meu querido amigo Manuel Alegre, não seja muito diferente daquele sujeito que vemos nas tribos primitivas, de plumas na cabeça, repetindo palavras mágicas enquanto dança e pula ao ritmo de um tambor. O poeta é esse feiticeiro. Dança com palavras ao som de um ritmo que só ele entende. Ou é talvez o adivinho. Como já não pode ler nas vísceras das vítimas, procura decifrar os sinais do tempo através dos múltiplos sentidos ou do sem-sentido da palavra. De qualquer modo, como nas sociedades primitivas, que tinham uma concepção mágica do mundo, o poeta de hoje é como esse xamã antigo que, através da repetição rítmica de palavras e imagens, convoca as forças benfazejas ou tenta exorcizar as forças maléficas.

A poesia é, assim, antes de tudo, uma forma de mediação. Uma encantada, encantatória e desesperada tentativa de captar a essência do mundo e de, através da palavra, "mudar a vida", como queria Rimbaud. Uma forma de alquimia. Que procura o impossível. Ou seja: o verso que não há.

Ali onde as histórias acabam, não sabendo mais nada, os poetas aparecem e adivinham. O poeta, esse mágico, esse feiticeiro, esse adivinho, esse alquimista, talvez esse duende que ouve sonidos negros (Lorca), esse mediador cósmico, que capta aquela energia que é a essência do mundo e para quem "os ritmos em que se exprime constituem a forma do mundo" (Herberto Hélder), a

sua poesia esse ponto em que a prosa descola, levanta e sobe, essa língua que ninguém fala mas que toda a gente compreende (Musset).

Mas se a poesia é a prova de que a vida não chega (Pessoa), certo é que aquilo que permanece os poetas o fundam – Hölderlin o disse.

Sei, como bem observou o fantástico Cocteau, que a poesia é indispensável embora já não saiba a quê. Não se pode saber: estamos cercados pelo vento. (Sempre poderemos dizer que a poesia é uma inutilidade necessária. Indispensável.)

Escreve o nosso poeta:"o medo é como o vento. Não o tentes parar. Deixa-o ir. Defende-te dos sítios onde haja vento. Basta. (moralia XVIII).

Sei apenas que a arte poética de Francisco d'Eulália faz emergir das nossas águas mais turvas, confusas e silenciadas uma instância mais clara, mais segura de si. Ele tem algo do arqueólogo que reergue as pedras das colunas e dos muros desfeitos. A sua poesia torna a levantar, desperta as palavras arruinadas pelo uso e faz delas espadas contra os nevoeiros.

E acto sacrificial. Sacrificio de uma parte do eu que se arranca às sombras e sacralização de uma outra parte que se torna maîtresse, senhora, dona e possuidora de uma palayra. O canto institui uma relação, cria-a sem a comentar nem a descrever. Abre um diálogo que não se desenvolve em réplicas. Que se opõe radicalmente a toda a narrativa, que é vertical, como o desejo, que é silencioso, que é uma escultura de silêncio. Um acorde, a criação de um espaço sem extensão, ressoante, reverberante, o calor de uma aproximação, de um tocar, de uma carícia, de uma distância sensível, reconhecida e admitida, de uma diferenca que não será exclusiva nem inclusiva, mas consentida e vivida como um reconhecimento mútuo. O canto não faz a canção, ele escapa à duração, é uma nota tocada que faz vibrar de conivência e de anuência o silêncio. Francisco d'Eulália tem o dom de agarrar as palavras que estão carregadas de poder. A sua palavra encerra a coisa como a pele, impede-a de

derramar, define-a, limita-a e permite penetrar o ser, ou, pelo menos, de o aproximar, de entrar com ele em diálogo, que o é da ordem do tocar, da carícia. A obra de Francisco d'Eulália é habitada pela voz das coisas. E por dentro das coisas é que as coisas estão. Na sua grafia o poeta vai de mãos dadas com a reflexão e o instinto, que chamarei de inspiração, na demanda de um encontro, no chamamento de uma descoberta, no achamento e captura do desejado e procurado instante decisivo. Instante tão frágil e fugitivo, tão poético e belo, instante mágico porque improvável, imponderável e fugidio. Por vezes os seus poemas tão decisiva e marcadamente fulminantes fogem-nos dos olhos. Aliás, até ao próprio poeta como ele no-lo diz: "fiz hoje uma poema/o mais belo de sempre/não sei porquê/escondeuse/fugiu/ /quando irei encontrá-lo/ /não há poema belo que não fuja/é da sua natureza".

A escrita de Francisco d'Eulália possui uma gramática própria e uma ética, a sua legitimação estética como arte, como poética do espaço e do tempo. Raramente tenho encontrado como neste autor uma das minhas convicções, a de que a ética é uma estética, encontro que reforça as nossas afinidades electivas. E nele surpreendo mais a simultaneidade do efémero e do eterno, sobretudo do nada, como ele escreve, "até ao sublime limite do

nada". "Depois os deuses esqueceram-se e disseram-me que nada vale a pena mesmo quando a alma é grande como sirius". Ele restitui-nos numa imagem visível o modelo invisível, intangível. Mesmo na contemplação depurada de um mundo quotidiano e real mas universal, exemplar e metafórico, vemo-lo a cantar os sapatos, a pedra, o caldo, as naves, os telhados vermelhos, os olhos, a magnólia, a erva calcada, o cão rafeiro, o pão ázimo, o sapo e "tutti quanti".

Sendo uma obra de mestria reflexiva e pensada sabedoria, tonicamente cerebrina e intelectual, à imagem qua tale da antiga "cosa mentale", ela não deixa de ser atravessada por uma captivante sensoralidade e por uma penetrante sensualidade em que o desejo, essa distância tornada sensível, ("o vício não é a posse, o vício é o desejo" (Montherlant)) persegue o inebriante "odore di femmina" A verdade do desejo é a única que não mente. Vejamse os poemas "as águas do teu rio", "pelo olhar alegre da flor do meu corpo", "a linha perfeita", "o redondo da tua alegria", "teu gesto imóvel", "teus pés lindos", "só tu anjo azul", "espero a esperança que dança na valsa da tua alça"

E não só, porque o poeta traz amiúde a sua infância pela mão, "rataplan, plan, plan", o seu "carrinho de latão" e o mais que "o seu avô desenhou", "quero ter os olhos abertos (...) ao som do relento das imagens que se cobrem de amarelo doce de todos os encantos da minha infância". Posso dizer que Francisco d'Eulália agarra-se à palavra como um animal àquilo que ama.

E apaixonadamente que é a única forma de conhecimento pois quem não gosta demais não gosta bastante. É assim, para mim, a palavra, a simples e bela palavra do canto de Francisco d'Eulália: Um sopro que procura durar. (Un souffle qui essaie de durer, Guillevic, Art Póetique). E que vai durar enquanto o mundo for mundo. O que me permito contrapor à sua máxima XIV: "somos só instantes que aspiram à eternidade".

Não é minha intenção fazer, nem teria posses para tanto, uma mediação para o percurso destes poemas de Francisco d'Eulália, Bastará lê-los devagar, devagar, de tanto olhar, de tanto olhar, levá-los à boca onde o gosto começa e encostar o ouvido ao seu rumor, respirar o seu sopro e aceitar o convite para esta prodigiosa aventura da sua escrita. Os seus poemas e moralia falam, contam e cantam por si. Vou terminar para não abusar da vossa paciência. Faço-o com Eduardo Prado Coelho "A poesia ensina a cair" em que ele perguntava "como falar de poesia?", retorquindo: "A resposta não é fácil. Na minha perspectiva, trata-se de deixar que duas linguagens se tornem cúmplices e acabem por formar uma só linguagem. Quando isso acontece, os poemas entram em devir. Há dois espaços poéticos que começam a aproximar-se de tal modo que em dada altura parecem ser um só, diferente dos espaços de que partiram, num devir vertiginoso em que as palavras já não são as palavras que começaram por ser. São inscrições. São cifras. São segredos." E, por aqui me fecho sem mais questões porque, nesta minha terra, não se fazem perguntas a um homem encantado.

NOTA

Texto de apresentação do livro «Poesia & Minuscula Moralia», de Francisco d'Eulália, na Galeria João Andrade e Silva, no Porto, a 27 de Novembro.



Mistérios de Lisboa



Lauro António

amilo Castelo Branco é uma das glórias literárias de Portugal. Escritor do século XIX, prolífero, de obra diversificada e vastíssima, foi dos raros casos em Portugal a conseguir viver, explicava ele que mal, apenas do que escrevia. E escreveu de tudo, traduziu e compilou. adaptou e improvisou, deixou romances e novelas, contos e poesias, narrativas e prosas diversas, folhetins e teatro e muitos artigos variados. Romântico, místico, exilado na província (na sua bela casa de São Miguel de Seide, onde partilhou o amor que o levou ao adultério e ao cárcere), mas não escondendo a vaidade de possuir um título nobiliário, assinou obras-primas de fervorosa paixão e intenso fulgor sentimental, como o sempre citado "Amor de Perdição", cujo título só por si é um programa, e já justificou várias adaptações ao cinema e à televisão, em Portugal e no estrangeiro. A escrita alvoroçada de Camilo brota com uma claridade e um arrojo formal que ainda hoje entusiasmam os seus leitores, mesmo os menos arrebatados pela sua imagética redentora e a inquieta tormenta passional, Em Portugal, Manoel de Oliveira tem-se aproximado com rigor e precisão deste universo

tumultuoso, de "funestos amores" e trágicos destinos, com o qual mantém muito curiosas afinidades.

Coube agora a vez ao chileno Raoul Ruiz, que Paulo Branco adoptou há vários anos, estabelecer encontro com Camilo, tendo para o efeito escolhido o mais óbvio para este realizador que principiou a sua carreira no cinema colaborando em telenovelas e folhetins televisivos no país natal. Nada melhor que "Os Mistérios de Lisboa". uma obra inicialmente publicada em folhetins no jornal do Porto "O Nacional" (entre o número 52, de 4 de Março de 1853, até ao número 25, de 31 de Janeiro de 1855), mais tarde editada em volume, ou melhor em três volumes, que reuniam um indescritível enredo de peripécias diversas, todas elas rodando à volta de um jovem, de nome supostamente João, que mais tarde se sabe ser Pedro, aparentemente filho de pais incógnitos. mas a quem finalmente aparece uma mãe redentora. Sabe-se igualmente que poucos anos depois, Ernesto Biester adaptou o romance para teatro, a que chamou "A Penitência", tendo a peça sido estreada no palco do D.

Camilo Ferreira Botelho Castelo Branco (nascido em Lisboa, a 16 de Março de 1825, falecido em São Miguel de Seide, a 1 de Junho de 1890) encontrava-se por essa altura no dealbar da sua carreira literária, já com alguns pontos ganhos (como "Anátema", de 1851), mas ainda oscilando entre a poesia, o teatro, a novela, o romance e o jornalismo. Espírito inquieto e irrequieto, polemista brilhante, amante fogoso, casado e descasado, pai de filhos que ia deixando pelo caminho, até arrimar a Seide, foi este Camilo impetuoso que se abeirou de uma obra que, em muitos aspectos, também recorda o tom e o estilo de

Victor Hugo e os seus "Miseráveis" (que todavia só irá aparecer dez anos depois, 1862, mas que contém o espírito do tempo).

Na época, estes "Mistérios" eram frequentes na literatura de várias nacionalidades. Herdeiros do "teatro de cordel" ou dos folhetins que se vendiam na rua, de porta em porta, tiveram em Eugène Sue (Paris, 20 de Janeiro de 1804 – Annecy, 3 de Agosto de 1857), escritor francês, um dos seus mais celebrados cultores (autor, entre outros, de "Les Mystères de Paris" ou "Le Juif Errant").

"Les Mystères de Paris" iriam mesmo influenciar muitos



cinema

outros autores pelo mundo fora, não só Camilo em Portugal, mas também Eca de Queirós, que, em parceria com Ramalho Ortigão, nos deu "O Mistério da Estrada de Sintra", outro folhetim, este publicado no "Diário de Notícias", em forma de cartas anónimas, alguns anos mais tarde, entre 24 de Julho e 27 de Setembro de 1870. aparecendo a primeira versão em livro somente em 1884. Também aqui a disputa Camilo-Eça não deixou de dar os seus frutos, sendo que os "Mistérios" do primeiro são mais genealógicos e passionais, enquanto os dos segundos progridem mais no terreno do policial. Um mais romântico, os outros mais realistas. Diga-se ainda que estes "Mistérios" iriam passar ao cinema sob diversas formas, desde os "serials" norte-americanos, como "As Aventuras de Pauline", até às rocambolescas séries "Fantômas" (1913), "Les Vampires" (1915) e "Judex" (1916), do francês Louis Feuillade, um dos cineastas mais interessantes desta época do cinema mudo. Com mais de cento e dez filmes contabilizados na sua filmografia (o que também o aproxima de Camilo, até em termos quantitativos: Camilo escreveu para cima de duzentas obras, entre originais e traduções, e etc.), Raoul Ruiz é um cineasta irregular, capaz do muito bom e do menos interessante, que tem percorrido o mundo, desde que se estreou na realização, no seu Chile natal, com uma curta-metragem chamada "La Maleta" (1963). Aí permaneceu até 1974 ("La Expropriación"), deixando obra de sublinhar, como "Três Tristes Tigres" (1968), antes de se exilar em França, após o golpe de Pinochet. Um dos seus títulos mais justamente citados é "L"Hypothèse du Tableau Volé" (1979). No seu exílio europeu rodou em vários países, entre os quais, por diversas vezes, Portugal, onde dirigiu "O Território" (1981), "Treasure Island" (1985), "Les Trois Couronnes du Matelot" (1983), "A Cidade dos Piratas (1983), "Fado, Majeur et Mineur" (1994), "Três Vidas e uma Só Morte" (1996) e "Genealogias de um Crime" (1997), se não nos faltou nenhum. Regressa agora com o apoio da mestria de Camilo. Os seus derradeiros filmes são desequilibrados ("Combate de Amor em Sonho", "Klimt", "O Tempo Reencontrado"), mas com "Mistérios de Lisboa" acerta na "mouche". O filme é um belíssimo fresco de quatro horas e meia, que se vê sem enfado, contando com algumas felicíssimas

contribuições, a começar desde logo pelo trabalho de Carlos Saboga na adaptação do romance ao cinema, mantendo-se fiel ao essencial da emaranhada história, mas procurando construir uma linha de progressão dramática que clarificasse o cruzar de narrativas e a confluência de peripécias. O que não era tarefa fácil. Depois temos que sublinhar a magnificência dos cenários naturais, quase todos rondando a região de Sintra (alguns dos quais bem conheço, pois por lá rodei muito da "Manhã Submersa"), e que permitem um clima romântico de grande intensidade. Curiosamente os "Mistérios" são de Lisboa, mas Raoul Ruiz consegue convencer-nos que estamos muitas vezes na capital, sem nos mostrar ruas ou avenidas, apenas quintas e jardins. O efeito é, todavia, bem conseguido e o resultado final, ao nível do ambiente, é excelente, quer em exteriores, como em interiores (o palácio de Seteais é, por exemplo, mais uma vez, muito bem aproveitado). Fotografia, montagem, música, direcção artística só merecem saudações especiais, mas é no domínio da representação que temos o prato forte destes "Mistérios", com uma não só competente, mas inspirada, interpretação global de um elenco onde quase ninguém destoa e onde alguns sobressaem a muito nível. Particularizando, Adriano Luz é brilhante, Maria João Bastos excelente, Ricardo Pereira muito bem, dividido entre dois papéis muito diferentes, mas unidos num ramo comum, Léa Seydoux deslumbrante, entre muitos outros igualmente dignos de referência. Na verdade estamos na presenca de um magnífico trabalho de actores. que é certamente valorizado pela segura direcção, mas igualmente pela matéria-prima de que os mesmos são

A obra de Camilo parte de um artificio bastas vezes utilizado em literatura: às mãos do escritor chega, via correio endereçado do Brasil, da parte de um "cordial amigo, F", as memórias autobiográficas de alguém que se confessa e que leva Camilo a afirmar "não ser um romance: é um diário de sofrimentos, verídico, autêntico e justificado".

Segundo Alexandre Cabral, no seu "Dicionário de Camilo Castelo Branco", "Os Mistérios de Lisboa", "produto de uma imaginação truculenta e incontrolável", narram "Os enredos - múltiplos e diversificados entrelaçam-se no conjunto dos três volumes, sendo os seus protagonistas personagens estranhas que têm em comum a faculdade exótica de mudarem de nome com a mesma facilidade como quem muda de camisa. Assim, Pedro da Silva, conhecido por João, chamar-se-á também Álvaro de Oliveira; o "Come-Facas" usava os seguintes pseudónimos: Barba-Roixa, Leopoldo Saavedra, Tobias Navarro e Alberto Magalhães, e Sebastião de Melo faz-se passar pelo padre Dinis Ramalho e Sousa e duque de Cliton. Por outro lado, a vastidão do mundo (Portugal, França, Bélgica, Inglaterra, África, Japão e Brasil) é o cenário onde se desenrolam os conflitos ficcionais. marcados por vectores que perdurarão na novelística camiliana: a vingança, o anátema, o amor de mãe, a passionalidade, que se confunde com a ganância, a perversidade e a santidade. De permeio, indícios vários de reminiscências biográficas do autor".

Nesta obra "em que os pecadores podem ascender à virtude e a virtude se conquista através de sofrimentos e lágrimas", a personagem central é João (aliás Pedro), órfão de 14 anos quando a narrativa do filme se inicia, e que vai



descobrindo, no decorrer da vida, a sua identidade e as trágicas histórias em que se enredam familiares e tutores, como esse paciente e diligente padre Dinis ou o estranho e dúbio Alberto Magalhães, passando por dezenas de outras personagens (que o filme reduz ao essencial) cujo destino com o seu se cruzam. O clima é, pois, pesado, denso, carregado de ameacas, mas igualmente redentor, não havendo o que se possa considerar personagens intrinsecamente más, mas seres a que o destino vai dando segundas oportunidades para se resgatarem. Esta perspectiva cristã que era timbre de Camilo é assumida por inteiro por Raoul Ruiz que, no excelente prefácio que antecede a recente edição da obra (ed. "Relógio d' Água"), faz uma judiciosa análise do romance donde parte o seu filme, desenvolvendo curiosos paralelismos entre o folhetim novecentista e a actual telenovela. Na verdade, a construção da telenovela, tal como a conhecemos hoje, não é mais do que o prolongamento até à exaustão das regras do folhetim do século XIX. que aceitava como acção central um determinado bloco dramatúrgico e o ia conjugando com novas acções, paralelas ou transversais, que criavam a teia conflituosa que sustentava toda a obra. lhe dava consistência e a permitia desenvolver-se quase "ad infinitum". A diferença está na facilidade com que hoje se constroem essas intrigas, e na qualidade temática e estilística com que eram executados os melhores folhetins de outrora. Pelo menos, aqueles que perduraram na memória literária. O mesmo se passa em relação à obra de Ruiz. O ponto-chave da possível querela não está na estrutura folhetinesca e melodramática que assume deliberadamente, mas na forma como a mesma é transposta para o ecrã, com um rigor plástico e uma contenção de estilo invulgares. De uma construção folhetinesca pode resultar uma obra de arte de altíssimo valor, ou uma rotineira produção que enche chouriços para passar o tempo, quando não mesmo uma pimbalhada desprezível. Camilo, e agora Raoul Ruiz, optaram pelo caminho mais difícil, que nem por isso deixa de ser popular: basta recordar o êxito que os folhetins tiveram nos leitores de então, ou o próprio sucesso mundial desta obra de quatro horas e meia, que tem recebido encómios por onde tem passado. Falando da duração do filme, cumpre ainda informar que, em simultâneo com a sua rodagem, se produziu uma série televisiva com seis episódios e outras tantas horas, que irá ser emitida proximamente pela RTP (e por outros canais internacionais – em França já esta anunciada). Série que contará com desenvolvimentos não previstos no filme (e com algumas cenas a menos, como por exemplo a excelente na cela museu de recordações do Padre Dinis).

Até ao próximo dia 19 o Museu Nacional de Soares dos Reis recebe Teatro Plástico – "In Situ – In Transit", com textos de Adorno, W. Benjamin, Jhon Banville, Samuel Beckett e Fernando Pessoa. A direcção artística é de Francisco Alves e a Interpretação de Andrea Moisés, Maria Reis Lima, Tiago Barbosa.





É Inaugurada amanhã a Exposição de Pintura pelos artistas João Brandão, José Luís Pais e Luís Pedro Viana no Forte de São João (Castelo da Foz), Porto, e vai permanecer até domingo 19 de Dezembro.

Museu do Douro apresenta exposição de Benedita Kendall

Benedita Kendall é a artista que está a expor o seu trabalho no Museu do Douro até ao dia 6 de Fevereiro de 2011. Benedita Kendall é uma jovem artista neo-figurativa e pós-modernista que utiliza, segundo Valter Hugo Mãe, "numa mesma tela situações pessoais ou referências universais, que se põem e sobrepõem na criação daquilo que parece ser uma visão acumulativa da vida". Benedita Kendall é uma artista que usa o desenho para representar e mostrar tudo. Tal como refere Valter Hugo Mãe: "(...) A imagem permite tudo, que é como dizer que contém tudo (...). Em cada tela tudo pode ser, tudo pode caber, tudo a um mesmo tempo".

"Meu Porto Minha Cidade" é o tema da exposição que Manuela Taxa

explora e apresento, na G'S COLLECTION, Avenida da Boavista, nº 1521, Porto. A paixão pela capital do Norte levou a artista a recriar, em tela, vários ex-libris da Invicta Cidade, património mundial.

Até dia 23 de Janeiro, a sala do cinzeiro 8 do Museu da Electricidade recebe a mostra "As cidade de Vieira da Silva e Arpad Szenes".





Foi inaugurada na Galeria do Palácio/Porto a exposição Sintomas e Projecções de Levi Guerra. A mostra que vai permanecer patente ao público até 23 de Janeiro é comissariada a quatro mãos: Paula Pinto e Albuquerque Mendes. A exposição "apresenta-se como uma reflexão sobre os movimentos da vida de um médico que se projecta a ler sintomas". Assim, no espaço expositivo da Galeria do Palácio a mostra começa exactamente por justapor duas batas e duas biografias. A bata imaculada do médico e a bata do pintor...

Exposição antológica de Armando Alves em Bragança

"À imagem de questões já colocadas em relação a outras exposições, perguntar-se-á sobre a presente: serão as pecas expostas suficientes para conhecermos um artista que trabalha há mais de quarenta anos em áreas distintas como são as da pintura, do design gráfico, da tapeçaria e da escultura? Poderemos extrair desta exposição uma leitura global da obra de Armando Alves"? Laura Castro coloca questões a que responde no texto que concebeu para a mostra do artista patente em Bragança, no Centro Cultural Dr. Adriano Moreira até ao dia 31 de Janeiro de 2011. "A exposição antológica realizada em Bragança tem essa intenção: a de percorrer o trajecto deste artista radicado no Porto e formado na Escola Superior de Belas-Artes desta cidade, com paragens nos seus momentos mais significativos e abertura para algumas das suas peças mais emblemáticas". A mostra de Armando Alves resulta do convite do presidente da Câmara Municipal de Bragança, António Jorge Nunes. O texto de Laura Castro continua: "Esta aproximação a Armando Alves desenvolver-se-á num duplo discurso – o do texto que percorre a produção do artista e o das vozes críticas que nela se foram incorporando. A carreira de Armando Alves é feita da matéria das suas obras, mas também das suas intenções, das posições estéticas e éticas que tomou ao longo da sua vida e, finalmente, da fortuna crítica que



=0000

em torno do seu trabalho se formou. É esta rede de propósitos artísticos e de entendimento crítico que gera o significado da sua obra e sustenta a sua situação na história da arte portuguesa recente". Do vasto currículo do artista relevemos o facto de fazer parte do grupo «Os Quatro Vintes» com Ângelo de Sousa, José Rodrigues e Jorge Pinheiro, bem como o "Prémio de Artes Casino da Póvoa", que recebeu em Dezembro de 2009.



■1005



1963



Museu Soares dos Reis 'recebe' o jardim da Alice

«A jóia de Alice e outras Maravilhas» está em exposição no Museu Nacional Soares dos reis, no Porto, nos dias 18 e 19. A mostra de pintura e jóia de A. Sinai/Maria Antónia Jardim é composta por sete telas sobre "o lindo jardim de Alice e as suas maravilhas". Uma das telas está transformada numa jóia: a jóia de Alice. É uma jóia medalhão – alfinete, estilo vitoriano, com esmalte e ouro de 24 quilates, artesanal e única, correspondente ao quadro do mesmo nome, pintado a óleo e folha de ouro. Esta exposição surge na sequência de outras duas da pintora, que vem transformando os seus quadros em jóias únicas e temáticas: as anteriores foram «Uma jóia de Pessoa» e a «Jóia do Douro». Assinalese que a pintora, especialista em Psicologia

da Arte - a imaginação como pedagogia alternativa e a função terapêutica da literatura in Alice no País das Maravilhas», uma edição da Universidade Fernando Pessoa.

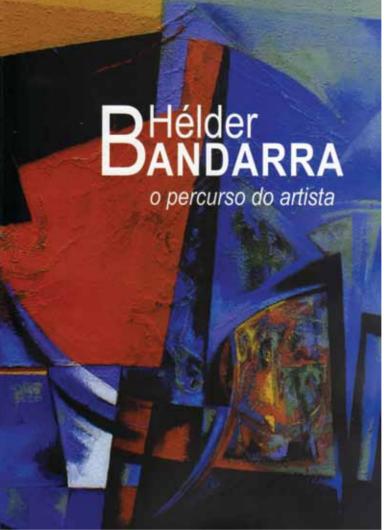


Hélder Bandarra o percurso do artista



Mário Pinto professor universitário

erá pouco curial iniciar destarte uma recensão, concedo, mas após perscrutante dissecção da obra em apreço não descortino melhor forma de expressar o deleite daí decorrente do que anuir à lhaneza com que Isabel Ponce de Leão, em irrepreensível síntese, admite: "Gosto dela porque... sim. Tout court. Atracção, sedução, fascínio, encantamento não se explicam, vivem-se." Sem adentrar em questões de índole técnica - até por perfilhar a opinião de Manuel Rodrigues: "Um quadro é um quadro, não se explica, é" - deixarei aos depoentes o ónus de, com os seus proficientes testemunhos. satisfazerem, hic et nunc, a curiosidade dos mais exigentes. Deter-me-ei, como compete, sobre o livro em si, por cujas 170 páginas perpassa quantidade assinalável de desenhos, quadros e óleos, pinturas que, congregando todas as fases percorridas pelo autor - da de "layout artist' e arte-finalista de primeira água", passando pela "de pescadores e homens da ria" até à das "obras abstractas a que me dedico neste momento, cumprindo um ciclo diferente no meu percurso artístico" – são um manjar celestial para os olhos. O livro, dizia, com a sua riqueza conteudística e singularidades. A primeira das quais é a 'arrumação' adoptada - pintura permeada de texto ou vice-versa - em que a um capítulo autobiográfico, se segue o das "vozes críticas", que recolhe os comentários de Gaspar Albino (GA) e Isabel Ponce de Leão (IPL), reforçados e complementados pelos da plêiade de experts convocados em "testemunhos". Crescendo cujo clímax é atingido na rubrica "pensamentos", magistral entrevista em que IPL 'desnuda' o homem. A concluir, o capítulo "datas e factos". Desconstruído o livro à vol d'oiseau, partamos para a sua fruição, anelo só alcançável com uma leitura ecfrástica (e, concomitantemente, empática). Seja pela representatividade do autor e dos depoentes/ opinantes seja, e precipuamente, pela dissecção (quase ecdótica) a que a obra foi submetida. Ubertoso em pormenores assaz esclarecedores, pelo vasto repositório de dados que reúne, o capítulo



"o artista em 1.ª pessoa" constitui referência imprescindível à contextualização e penetração na idiossincrasia do homem que pré-existe ao artista e com ele coabita: a família, a meninice, a passagem pela Índia ("dois anos de emancipação e reflexão cultural e crescimento interior"): "As cores que com ele vieram da Índia nunca mais o abandonaram". Inserida neste, a rubrica 'início da carreira'. relato minucioso da sua faceta de 'andarilho' - Aveiro (omnipresente na temática versada até determinada fase, da qual dirá "Essa fase plástica de pescadores e homens da ria já passou"), Lisboa-Porto – ilustrada com numerosos desenhos, óleos e outros para cuja 'descodificação' (como, aliás, do todo) são conditio sine qua non os comentários aduzidos em "vozes críticas", mormente os de IPL, reveladores de acurada disquisição e exegese da obra do autor, mas também os compaginados nos "testemunhos". Depoimentos de que ressumbram as mais diversificadas abordagens, plasmando a variedade de opiniões em torno de um fio condutor que a todas concatena, o que enriquece sobremaneira o carácter poliédrico do livro, e que, ao trazerem ao proscénio da reflexão e questionamento a diversidade de pontos de vista e basculações conteudísticas mais vincam a homogeneidade assinalada, alargando, em simultâneo, as bases para um mais amplo e profícuo entendimento da temática equacionada. É o que se passa em relação aos desenhos, em que pontifica a unanimidade (encomiástica): para Albino, "foi sempre um desenhista brilhante"; IPL considera-o "um imenso, um enorme desenhista"; Vasco Branco (VB) não hesita em o reputar "Belíssimo desenhador. com o traco fino e seguro que o aproxima dos mestres da Renascença". Mas outros olhares, outrossim perscrutadores, podem ser convocados. Tais como o de Clara

Sacramento, o de César Príncipe

ou o de Francisco Simões.

Escassas, porém pregnantes,

são as apreciações aportadas

acerca do eu. Só Albino alude, en

passant, ao "quanto de taciturno

ele, artista, comporta" (vertente

que tenta afastar através de

"trabalhos de 'jongleur' que se quer rir de si mesmo") e à circunstância de a sua última pintura "ser, em si mesma, um conflito" ou "a transposição plástica dum enorme conflito interior", enquanto VB lamenta: "Não fora um homem dividido e há muito que os gritos vindos do cerne teriam sido aplacados e a fome do inatingível, se mitigaria". Parcimónia confessional quebrada pelo próprio na entrevista final, em que se abre quantum satis e sem reservas revela preocupações ecológicas, sociais e outras, e de que umas quantas referências, paradigmáticas, bastarão para nos esclarecer acerca da sua postura exigente e de busca do perfeccionismo: "Nunca abandonei um campo de pesquisa sem ter esgotado todas as suas componentes estéticas", "Pinto e volto a pintar, sublimo todas as faces com um sentido crítico que me faz sofrer.", "Nunca sei quando um quadro está

Não surpreende, ipso facto, que à questão "Quando há arte?" IPL responda "arrisco: há arte quando olho a produção plástica de Hélder Bandarra".

Palavras-actos

#9/

Lusophonies – parte II; Arte Lisboa 2010 – balanço; Recordatório; InShadows



Carlos Cabral Nunes cabral_nunes@perve.org.pt

PALAVRAS-CONTINUADAS. Retomo temas deixados em aberto na crónica anterior. Começo pela exposição "Lusofonias | Lusophonies" apresentada na Galeria Nacional de Arte do Senegal. Poderia falar da grande afluência de público ou do interesse mediático que suscitou. Prefiro recorrer a percepções mais interiores. Narrar a visão das obras suspensas nas paredes. articulando-se numa espécie de diálogo eloquente. De como tudo acabou fazendo mais sentido do que havia pensado. De como gostaria que assim o tempo permanecesse, parado, numa espécie de paramnésia cosmogónica. Mas acabo não conseguindo. Falta-me clarividência para escrever sobre o acto vivido com distanciamento crítico. Aquilo que nos separa de África é tão abruptamente óbvio que parece não restar espaço para que a emotividade interior do sujeito (perante os seus enigmas) se possa explanar de forma precisa. Deixo por isso apenas ligação virtualizada para os conteúdos da mostra: www. pervegaleria.eu/home/index.php/exposicoes. html e acrescento, para quem me leu na crónica anterior, que no meu último dia em Dacar descobri, por fim, o que lá tinha ido fazer... Outro assunto: Arte Lisboa 2010. Sendo suspeito, digo que o melhor da feira aconteceu em apenas duas horas, no primeiro dia. Tempo em que Chris Hales mostrou a quem quis ver (e teve tal sorte) a primeira versão do nosso projecto comum "Endless Art", que parte das "Escadas Intermináveis" de Escher para criar, tendo Alfama como pano de fundo, uma instalação interactiva verdadeiramente entusiasmante. Referência ainda para a localização da feira no Centro de Congressos da Lisboa, vulgo antiga FIL, junto a Alcântara. Não só a feira ficou mais apelativa e interessante como faz todo o sentido que, nos próximos anos, fique nesse sítio de onde não devia ter saído.

Como poupei espaço, ocorre-me a ideia de aqui listar, em jeito de despedida ao ano que finda, uma lista sumarizada e simples de alguns dos assuntos que pensei abordar nestas Palavras-Actos, desde o início da crónica em 2009, e que, por escassez de espaço ou por falta de oportunidade, acabei não introduzindo.

Assim: Coleccionador da Guarda que doou colecção para instituição em Lisboa - pareceme inqualificável que numa cidade onde a arte moderna e contemporânea quase não existe, tenham deixado "fugir" semelhante colecção. TMG e os pequenos sobas locais fazem lembrar os do Huambo e estarão na origem do facto. Preferem rotundas com esculturas em forma de G gigante e horrendo. Quem pagará são gerações de pessoas privadas desse espólio. (...) Crise nos media tradicionais. A oportunidade dos novos media para o sector das artes. (...) Guta Moura Guedes e a censura na Experimenta Design. (...) Luzboa. Noite dos museus. (...) Mais cultura -Sócrates, Inês de Medeiros - ou cultura trendy?! (...) Bual em Pegões - um legado que corre o risco de ser apagado. Ignorância da família / ignomínia dos organismos estatais, ao ponto de deixarem que um seu monumento público tenha sido apropriado por um particular. (...) DGartes / concursos / dividir verbas do Art Algarve pelos projectos que não são apojados por falta de verba, seria boa ideia. Assim como dar-lhes o milhão e duzentos mil euros que a Experimenta Design custou só no jardim de Santos. (...) Viagem a Paris com Cruzeiro Seixas e ida a Bruxelas com ele e com Isabel Meyrelles - visitas a museus da música, Magritte, Quai Branly e Tervuren (de arte negra) + catedral fantástica e músicos por todo o lado - diferencas com Portugal + Casa de Gustave Moreau + Expo Dali em Bruxelas - fraca como a que vi, há anos, em Praga + lojas dos museus valorizam o que vai sendo exposto, ao contrário de cá - CCB tem loja de trivialidades, p. ex. (...) Bienal de Veneza, as boas e as más exposições; prémio (político...) a Bruce Nauman; Yoko Ono; colecção Peggy G.; misterioso apagamento de Pinault. (...) Áustria e diferenças; quarteirão dos museus; Museu Leopold – Klimt e Egon Schiele – Expressionismo Austríaco: vigilantes que passam os dias olhando para o ar ou para o chão - o que se podia fazer com essas pessoas...; colecção do museu de arquitectura; Viena e sua monumentalidade assim como o resto da Áustria (por oposição ao abandalhamento Luso); Graz e Innsbruck. Arte nos espaços comerciais e públicos; hospital em Viena com obras de arte - algumas oferecidas pelos autores, outras aquisições da própria instituição. Explicar porque não saio da Lusolândia, não obstante (ou por isso mesmo) estar em desacordo com a forma geral de fazer e de ser. Ida a Linz -Ars Electronica. Vendedores de flores que me perseguem desde Lisboa. Poder fumar-se na Austria: espírito de Linz semelhante ao que

conheci em Cerveira em 2001, quando lá ganhei

um prémio...; trovoada que parecia fogo-deartifício e me fez pensar no desperdício que se faz com isso dos fogos de toda a espécie em Portugal por oposição à sua inexistência aqui - investindo-se antes em conteúdos artísticos. Exposições impressionantes: Arte sonora/ electrónica com obras desde 1920; Hans Richter; obras interactivas; MIT; cidade a viver plenamente o festival; iniciativa de alerta sobre poluição luminosa; conversas gravadas com Gerfried Stocker, Hiroshi Ishiguro (autor do Geminóide HI-1, primeiro robot criado para ser clone de um ser humano, no caso do seu autor) e iriz pääbo – o fascinante mundo novo. (...) Caixa Geral de Depósitos e expo "de Malangatana a Cabrita Reis" – a sistemática perda de identidade da colecção CGD e o desinvestimento na Lusofonia. (...) Casa das histórias da Paula Rego. (...) Festivais de cinema que pululam pelo país sem que haja um dedicado exclusivamente à arte (e as especificidades são, como o caso de Linz o prova, grande trunfo para sucesso e internacionalização). (...) Africa.cont e o que devia existir primeiro: estrutura sobre a arte da lusofonia com colecção própria e em território nacional. (...) Lx Factory / Alcântara - um novo tipo de cidade?! (...) Exposições de arte primitiva no pátio da Galé. (...) Cruzeiro Seixas na Reitoria da Universidade de Lisboa – as suas tapeçarias de Portalegre. (...) Jazz com Nicolau Santos - e o festival de Rui Neves que o podia incorporar. (...) Livro Posto de Observação 2 de André Jordan – comentários ao conteúdo e ao seu significado no contexto da actual situação financeira em Portugal. (...) Amália, Silêncio em labirinto – CCB. (...) Questão da alteração de paradigma no sector musical e literário, ao invés de causar apreensão, deveria constituir-se como bom advento de nova forma de realização de obras de arte musical e literária num registo cada vez mais próximo do que se passa, desde há muito, nas artes visuais. (...) Memorável espectáculo antológico de Manuel João Vieira no São Luiz; o colectivo Homeostetico. (...) 555 e Ciclo Gutemberg que se estenderá também por 2011. (...) Evocações de Bual, Cesariny, Fernando José Francisco e Luiz Pacheco. A quem me leu até aqui, posso apenas dizer que espero, no futuro, não deixar tantos e tão bons assuntos por desenvolver...

PALAVRAS-RENOVADAS. Espero que em 2011 se possam concretizar alguns projectos, entre os quais um que me é importante, a "Casa da Liberdade – Mário Cesariny" e que a crise, com ou sem FMI, não afaste, mais ainda, Portugal da arte e da cultura. Quanto ao resto, desejos de bom ano e os votos do costume.

música

A música no cinema



Jorge Lima Barreto musicólogo

música no cinema tem sido observada quase apenas como uma funcionalização integral; mas uma visão mais apurada pôde abrir um novo capítulo na história da música: a "música de cinema"ou film music. A princípio, no início da arte do cinema, orquestras ao vivo faziam som de fundo ao filme, então mudo. A "tíbia" era um órgão presente em teatros que exibiam filmes insonoros. Nas grandes salas de cinema, puderam aparecer pianistas, ensembles ou até grandes orquestras onde se praticava, por vezes, e com parcimónia, a improvisação. Num manual para pianistas e organistas de música para cinema de 1920, diz-se: "A função da música é reflectir o clima da cena no espírito daquele que assiste, conduzir o espectador às emoções da história da imagem" (Julien, 1987: 42). Ettienne Souriau lançou o termo de "diegética" para distinguir o devir fílmico do processo narrativo da literatura. A diegética será tudo o que pertence à inteligibilidade, ao mundo suposto ou pressuposto pela ficção do filme.

O filme é uma sucessão de imagens com certa ordem; o cinema retira do ritmo o seu prestígio e a sua razão de ser. O discurso cinematográfico é "agógico", pelo movimento interno das imagens; "métrico" pelas sucessões mensuráveis de planos e formas; "dinâmico" pelos travellings, progressões da intensidade luminosa, velocidades, etc. Podemos enumerar algumas das funções da música no cinema: "ilustrativa", do latim lustrare, de certa forma é decorativa "emblemática", é uma função respeitante à memória icónica musical "conjuntiva", diz respeito às

intervenções musicais que ligam sequências no puzzle narrativo, previstas pelo realizador "implicativa", sublinha situações incidentais

"cinética", é uma entidade musical que nos dá o movimento através da música (ralentis, acelerandos) "melodramática", no melodrama.

o texto declamado une-se a um acompanhamento musical "fática", pontua os momentos culminantes, num apogeu emocional "lúdica", aqui, a música acompanha a animação e a expressão da actividade dos jogos e desportos, da expectativa, em equivalências pleonásticas (e.g. um sintagma do swing reforça a corrida de um atleta)

um atleta). Revendo o tempo do cinema mudo e da música de acompanhamento para a imagem, passando por uma idade do oiro do cinema, com o sinfonismo, à música concreta, ao expressionismo, à cronometragem, à montagem sonora. à reversibilidade, até ao cinema contemporâneo com novos critérios para as interpretação, improvisação e representação musicais e outros e novos recursos sonoplásticos, concretizou-se diferente Gesamtkunstwerk. A música é, no cinema, um meio de expressão, grupos de figuras destinadas a sugerir efeitos sobre o intérprete ou o auditor.

Reflexões em dó maior



Manuel Ivo Cruz

- Histórias da Música Mozart, Haydn, Beethoven, Schubert, Mahler, Ricardo Strauss, os "Strausses" das Valsas... nenhuma cidade do mundo abrigou a sucessão de tantos e tão espantosos compositores como Viena d'Áustria... citando apenas os mais universais! Deu-lhes casa e trabalho, (por vezes...) escutou as primeiras audições de suas geniais obras! Viena foi realmente o centro criador da melhor música que figura hoje em programas de todos os concertos, de todos os teatros de ópera e bailado, de todas as estações emissoras com critério cultural! Muito me agrada, pois, ter assistido no 1.º de Outubro, Dia Mundial da Música, a um belo concerto na Casa da Música do Porto, em que a obra principal era a 10.ª Sinfonia em Fá sustenido maior, de Gustav Mahler (Kaliste 1860 - Viena 1911). Dos autores universais dos séculos

XVIII a XX que acabo de nomear, Mahler é sem dúvida o menos divulgado nos nossos públicos, referindo mesmo as programações de Lisboa e do Porto. Fiquei, pois, satisfeito ao ouvir esta portentosa obra - bem executada pela nossa Orquestra sob a muito eficiente direcção do titular Christoph König – e de verificar pela leitura dos textos do programa que se trata, não de uma execução isolada mas, pelo contrário, a programação da Orquestra prevê a integral das Sinfonias de Gustav Mahler. É bom que assim suceda, é culturalmente útil para o público e para os artistas que compõem a Orquestra Sinfónica.

- Uma "história" de Músico...

A propósito de um destes celebérrimos compositores que habitaram e produziram em Viena, vou contar uma curiosa "história", porque a acho engracada.

Meu Pai, maestro, compositor Ivo Cruz, durante vários anos Director do Conservatório Nacional, formou-se em Munique na Academia Superior de Música e na Universidade, nos Cursos de Direcção de Orquestra e Coro, Composição e Análise, permanecendo de 1925 a 1930 naquela bela cidade; lá, conheceu e conviveu com muitos artistas, entre os quais o imortal Richard Strauss.

Creio que numa visita posterior a Portugal contou-lhe este grande criador a seguinte "história", que por sua vez meu Pai me confiou: "Quando da representação da minha primeira ópera a ser cantada no teatro lírico de Viena, eu estava muito enervado, receoso da reacção daquele público tão especial. Subi então para o último balção e, antes de me sentar, perguntei à funcionária de serviço: quem é este compositor, que tal é a obra? Ao que ela respondeu: olhe, senhor, um Richard que não é Wagner... um Strauss que não é Johann... não dou nada por ele!"

Perante esta resposta tão vienense, o consagrado autor disse que tinha ficado "para morrer!"



paCiência

Helicobacter pylori A "unha encravada"



Fátima Carneiro

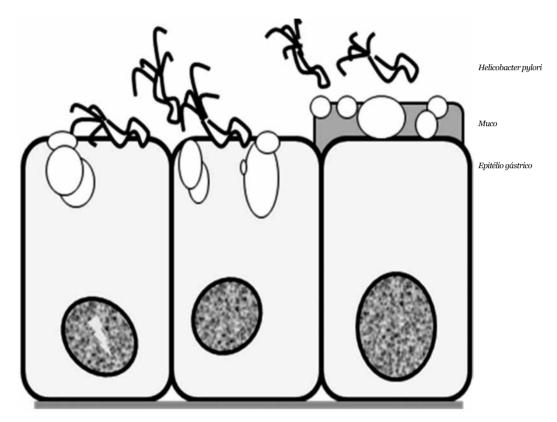
ós e as nossas bactérias A descoberta de que no tubo digestivo do Homem - assim como no aparelho respiratório, no aparelho urinário e em todas as nossas interfaces com o "mundo" - vivem milhares e milhares de microorganismos, veio mudar substancialmente a forma como nos encaramos. Há autores a sugerir por exemplo que o Homem seja considerado um super-organismo e que passemos a falar, no lugar da Genómica, da Metagenómica, isto é, do nosso genoma e dos genomas dos microorganismos que connosco vivem. Exageros à parte, não deixa de ser impressionante saber que cada um de nós tem 10 vezes mais células bacterianas no intestino do que células no corpo. A grande maioria dessas bactérias vivem em harmonia connosco e muitas delas são benéficas para o metabolismo humano. Acredita-se aliás que será possível no futuro melhorar a nossa saúde, por exemplo em termos da tendência para a obesidade, actuando sobre as bactérias que vivem connosco. Para além das boas há também as más. É de um destes exemplos que nos ocuparemos a propósito de Helicobacter pylori e das doenças que esta bactéria pode causar no estômago e no duodeno.

Helicobacfer pylori infecta o estômago humano

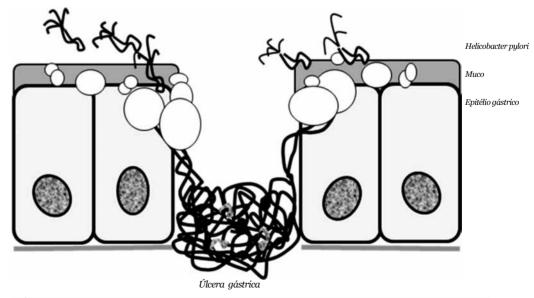
Helicobacfer py/ori é uma bactéria espiralada, com vários flagelos unipolares, que infecta o estômago. Esta bactéria tem capacidade para se mover na camada de muco que reveste o estômago, de aderir ao epitélio subjacente (através de moléculas de adesão, as adesinas) e de neutralizar em seu redor a acidez do suco gástrico, criando assim um nicho ecológico óptimo para a sua sobrevivência. A bactéria pode danificar o muco e as células produtoras de muco existentes no epitélio estomacal (Figura 1), provocando posteriormente uma reacção inflamatória (gastrite).

Infecção adquirida na infância

A infecção por Helicobacter pylori adquire-se geralmente na infância e pode persistir ao longo da vida. Não está indicado tratamento de erradicação em todos os indivíduos infectados porque nem todas as estirpes são virulentas. Muitas das infecções são "benignas" e um tratamento excessivo poderia conduzir a um aumento de resistência de Helicobacter pylori aos antibióticos. Isto não invalida o facto de ser necessário investigar e tratar os indivíduos infectados e com sintomas, por exemplo os que têm úlcera do estômago ou do duodeno.



■Vacuolização do muco e das células epiteliais produtores de muco



■Úlcera gástrica ("ferida" do epitélio gástrico revestida por uma espécie de "crosta" com detritos celulares e filamentos de proteínas)

80% dos portugueses estão infectados por *Helicobacter pylori*

Cerca de 50% da população mundial encontrase infectada por esta bactéria. A infecção por Helicobacfer py/ori é feita por via oral. A ingestão de águas e de alimentos contaminados, ou mesmo o contacto pessoa-a pessoa, podem ser processos de transmissão da bactéria. Em Portugal, esta infecção afecta cerca de 80% da população adulta. Contudo, só 10% a 20% dos indivíduos infectados desenvolvem doenças sintomáticas no estômago ou no duodeno, tais como: gastrites, úlceras gástricas (Figura 2) ou duodenais, cancro gástrico de tipo carcinoma (cancro do epitélio) ou Iinfoma (cancro de Iinfócitos).

ciência

A propósito da crise e da ciência económica



Luís Carneiro fisioterapeuta e ensaísta

arece que já tudo foi dito sobre a crise e a situação económico-financeira desta nossa pobre nação. Todos vituperam e todos receitam soluções. E, não bastasse a Economia ser uma temática de tão complexos detalhes e inumeráveis explicações do tipo "ciclo vicioso", também as ciências política e sociológica parecem com aquela ter inumeráveis ligações difíceis de descortinar. É pena que a teoria subjacente à "Intelligentsia económica" tenha estado a ser tão pouco aludida e tão descaradamente negligenciada pelos profissionais e intelectuais da área. Há coisas do campo da epistemologia científica que importam ao reino da Economia, Importa, por exemplo, clarificar se a ciência económica é do tipo "exacta", com uma capacidade mínima de previsão, ou se, à semelhança da História e de uma certa sociologia, é do tipo "social", onde pode abundar o conjunto de imprecisões capazes, em última instância, de uma aproximação a um certo tipo de

A julgar pelos diálogos entre os economistas a propósito da crise portuguesa e da crise internacional, mais parece que a ciência económica parece indissolúvel do "Caos" financeiro dos mercados. Este "relativismo" é visível até na forma como as "ideologias económicas" são defendidas. Por exemplo, com a crise internacional de 2008, houve, nesse mesmo ano, quem defendesse o keynesianismo como a solução para a crise do capitalismo anglo-saxónico. Os liberalistas, entretanto, defenderam-se com a "teoria dos ciclos económicos". Com a resolução parcial da crise americana e o agravamento da crise europeia, parece que volta a haver uma defesa do neo-liberalismo e uma regressão defensiva das teorias de Kevnes e dos "excessos" do Modelo Social Europeu... A questão das ideologias remete-nos para o campo

relativismo pós-moderno.

do dogmatismo e este para o terreno do relativismo e do acientificismo. Por exemplo, os teóricos da London School of Economics foram grandes críticos das "falsas" ideologias, perigosas por se confundirem com a 'Verdade' das ciências. Popper critica o 'socialismo científico' do marxismo e Hayek, o pai do neo-liberalismo, apresenta o "planeamento

central" e a "estatização" como males basilares dos colectivismos ditatoriais, tanto o socialismo como o fascismo (este outra forma de "socialismo"...). Em particular o autor de "O caminho para a servidão", em conjunto com outros liberais, como Milton Friedman, os quais viriam a ser conhecidos como a "escola de Chicago", advoga como caminho para a democracia o mercado de livre iniciativa, a competitividade e a privatização. Este viria a ser até anunciado como a nova forma de democracia, pendente enquanto "fim da história" (Fukuyama), com a queda do socialismo enquanto sistema, em finais dos anos 80.

Ora, tendo necessariamente em conta certos critérios como princípios de "demarcação científico - não científico" (Popper), necessários à aproximação da Economia à categoria de verdadeira ciência (e ao afastamento relativamente às ideologias dogmáticas e pré-científicas) - sendo esta uma condição da edificação de fórmulas bem sucedidas de "bem-estar económico" das civilizações e da diminuição do grau de "incerteza" relativista que permite a corrupção e a libertinagem de políticos mal intencionados -, é certo que a ciência económica propriamente dita parece mais próxima do pragmatismo neoliberal do que do keynesianismo ou da ideologia socialista (ou mesmo do "socialismo de mercado" ou da "terceira via" de Anthony Giddens). Segundo Guy Sorman, mesmo fazendo uso de meios mais cruéis, os resultados do neo-liberalismo apontam este "capitalismo" de "mercado livre" como solução para a crise financeira e para a criação de um Estado

mínimo (subjacente à ideia de que é impossível haver saúde, educação e segurança social acessíveis às classes sem haver riqueza).

Por mim, acredito que, em específico, certos luxos do Estado Social português, como as mordomias da Função Pública, não se coadunam com o Estado mínimo. Aliás, enquanto alguns ganham ordenados milionários e têm direito a subsídios de férias e de Natal, enquanto que outros não possuem quaisquer direitos, é impossível falar de igualdade e é impossível continuar a falar por muito mais tempo, por exemplo, de Educação gratuita ou da sustentação de um Serviço Nacional de Saúde. Mesmo constituindo o pesadelo da "esquerda", e admitindo a necessária mudança estrutural do paradigma cultural e psicanalítico de Portugal e do seu povo (o que inclui o aumento do espírito de combatividade e de autonomia e a perda do espírito do "coitadinho", todos estes dependentes de uma evolução assaz prolongada na matriz da estrutura educacional e intelectual dos portugueses), acredito que só um conjunto de estratégias verdadeiramente neo-liberais (incluindo o ganho de vencimentos variáveis segundo a produtividade), desde que éticas e centradas na qualidade de vida da Pessoa (não queremos o capital pelo capital), pode salvar o nosso país e manter a mínima (porque "absoluta" é impossível) "igualdade de oportunidades": educação obrigatória, saúde básica, qualidade de vida básica e segurança social tendencialmente gratuitas para os escalões economicamente mais baixos da sociedade classista portuguesa.





Mudar de pele



Paulo Ferreira da Cunha lusofilias@gmail.com

á mais de sete anos, criei um primeiro blog com o título "Heterodoxias". E depois, extinto este, por razões técnicas que nem recordo bem, com o mesmo nome criei sucessivamente mais dois, um deles aliás colectivo, ainda em funcionamento, e com o subtítulo "De Pessoas Livres para Pessoas Livres: Heterodoxy is our doxy".

As designações Heterodoxo, Heterodoxia, Heterodoxias, e afins, estão de tal modo banalizadas que não me parece poderem ter "direitos de autor" ou sequer quaisquer eventuais "direitos morais" não jurídicos. Aliás, a havê-los, entre nós, seria Eduardo Lourenço o seu titular, mas ainda assim, em rigor, para a expressão no singular... E se formos olhar o estrangeiro a coisa complicar-se-ia muito, pela multiplicidade de usos.

Chegou-me hoje a notícia (dia 17 de Novembro de 2011) de que, numa prestigiada revista, um conhecido articulista tem uma coluna homónima de parte dos títulos (Heterodoxias) da que precedeu a presente série de artigos. Ou vice-versa...

Não fui ver, como infelizmente não costumo ter tempo para ler essa publicação, que me dizem de resto excelente. Embora ache frequentemente de mau tom certas auto-referências académicas, sou obrigado a mencionar, explicando esta minha omissão, que sou profissionalmente catedrático de Direito – não, por exemplo, de Letras --, o que (quer pela hiperlegiferação, quer pelas reformas educativas sempre renovadas e cada dia mais burocratizantes) significa cada vez mais uma clamorosa falta de tempo para temáticas extra-especialidade (e mesmo para as do próprio foro), apesar de uma luta de Sísifo pela interdisciplinaridade.

Não sei também quem primeiro nomeou a respectiva coluna, nem acho que tal interesse muito, porque do mesmo modo que eu não li essa coluna (e como eu tanta gente que me lê e me poderia ter avisado: se o tivesse notado ou achado importante...), o seu autor também não tinha obrigação de ler a minha, nem sequer os meus e alheios *blogs*. Hoje reparei que os blogs e afins com esse nome na *net* são consideráveis.

As coincidências culturais foram alvo de uma interessante reflexão de Georges Dumézil, julgo que numa obra póstuma. Pode sempre pensar-se em várias hipóteses. E uma delas, a não descurar, é mesmo a pura e simples *coincidência*. *O falso culpado* de Hitchcock é disso um filme revelador.

Recuemos ainda um pouco. Como Heterodoxias é um nome já banalizado — dir-se-ia que do "domínio público", sem força verdadeiramente distintiva —, (e tantos outros escritos têm títulos homónimos!), lembrome que procurámos, a Senhora Directora e eu, logo no início da minha colaboração, não crismar a coluna de "Heterodoxias" tout court, mas cada artigo seria uma Heterodoxia, numerada: I, II, III, IV, "n". Logo não havia, nunca houve aqui, realmente, uma coluna com o mesmo nome "Heterodoxias": para falar com rigor. Nem sequer havia um título unitário de coluna. Pois várias "Heterodoxias" se foram numericamente seguindo...

Mas se não vem mal ao mundo por esta coincidência parcial, a verdade é que não será certamente agradável para ninguém.

Por coincidência (mais uma), tenho até alguma fama (cujo mérito não sou competente para ajuizar, mas que existe, de facto) nos meios editoriais e académicos pela originalidade dos meus títulos (até de livros, e mesmo no mais árido mundo jurídico). E creio firmemente que é bom que os mesmos singularizem os escritos. Assim, mal sabendo da semelhança (embora sem possibilidade de confusão), prontamente fica mudado o timbre que encima a minha colaboração.

Confesso que já era minha intenção mudar de pele um destes dias... No meu caso, e no meu caso apenas, parecia-me já que tantas heterodoxias podiam começar a conformar um cânone mais ortodoxo. Belo tempo, pois, para mudar. A informação referida acelerou assim a decisão tomada e que se encontrava em latência, à espera de um estímulo de oportunidade. Ocorreria sem dúvida no princípio de 2011, com o novo ano a reclamar nova vida.

Esperemos que este novo título (que queremos seja sinal de novo fôlego) também não seja (meio-) homónimo de outro, sob pena de grande falta de imaginação... ou (isso sim) desses fenómenos de certa sintonia de ideias (ou de gostos) que produzem até a lei de Boyle-Mariotte. Ou então que fique tão claramente óbvia a sua "intertextualidade" que ninguém se inquiete com ela.

Fico com a consciência tranquila de, como Jacob a Labão, ter servido o título fielmente por (pelo menos) sete anos... Era já suficiente, e sabemos do que aconteceu ao pobre filho de Isaac.

Abre agora um novo espaço de reflexão, de nome "Razoar" numerado (I, II, "n"), que é dos nossos termos mais vernáculos para o comum "pensar", palavra esta aliás inicialmente tida entre nós como pedante galicismo! Ao "razoar", voltamos pois à pureza clássica.

república



Pina de Morais: republicano, militar e escritor



António José Queiroz

oão Pina de Morais Júnior, filho de João Pina de Morais e de Rita Olinda de Morais, nasceu a 6 de Janeiro de 1889 na freguesia de Valdigem, concelho de Lamego. Estudou nesta cidade, no Colégio Roseira, de 1900 a 1905. Seguirá então para o Liceu Nacional de Viseu, onde completa os estudos secundários. Em 1907 regressa a Lamego, em cujo Regimento de Cavalaria 9 se alista como voluntário. Daqui partirá para o Porto; na Escola Politécnica desta cidade fará os preparatórios para a Escola do Exército (arma de Infantaria). Optando, pois, por seguir uma carreira militar, é colocado, como aspirante a oficial, no Regimento de Infantaria 13, em Vila Real (8 de Novembro de 1914). No ano seguinte (16 de Novembro) é promovido a alferes. Mobilizado para o Corpo Expedicionário Português, é promovido a tenente em 19 de Dezembro de 1917. Foi um dos combatentes da trágica batalha de La Lys (9 de Abril de 1918) em que foi gaseado com gravidade. Após regressar da Flandres, retoma momentaneamente o serviço militar em Vila Real. Em Dezembro é colocado no 3.º Grupo de Metralhadoras, no Porto, situação decisiva no plano intelectual, já que nesta cidade participará activamente no movimento da Renascença Portuguesa, colaborando na revista \boldsymbol{A}

O seu envolvimento na defesa das instituições republicanas durante a chamada Monarquia do Norte (Janeiro/Fevereiro de 1919) dar-lhe-á prestígio e notoriedade nos meios republicanos portuenses, situação que lhe abrirá as portas para uma carreira política. Em 1921 será candidato a deputado, no círculo do Porto, pelo Núcleo Republicano Regionalista do Norte. Sem sucesso. No ano seguinte, porém, concorrendo novamente pelo mesmo círculo, desta vez como independente, consegue ser eleito. Em Abril de 1924, ainda no Porto, dá a sua adesão ao Partido Republicano Português (PRP). Desde logo alinhará as suas posições políticas com os "canhotos", a facção liderada pelo advogado portuense José Domingues dos Santos. Em Julho de 1925, mercê desse alinhamento, será irradiado do PRP com outros deputados democráticos. Este facto não impedirá, porém, que nas eleicões legislativas de Novembro de 1925, ainda pelo círculo do Porto, volte a ser eleito



deputado, agora pela Esquerda Democrática.

No ano seguinte, com os deputados esquerdistas
Alfredo Nordeste e Carlos de Vasconcelos, integrará o
Conselho Político do diário A Capital. Em Abril desse
ano participará em Lisboa no congresso da Esquerda
Democrática. Aí apresentará uma tese sobre O
Problema Agrário. Nesse congresso nascerá o Partido
Republicano da Esquerda Democrática (PRED). Pina
de Morais será um dos nomes escolhidos para integrar
o Directório desse partido.

Após o advento da Ditadura Militar (28 de Maio de 1926), participará activamente em acções reviralhistas, nomeadamente na revolta de 3 de Fevereiro de 1927. No Porto chefiará os serviços de comunicações (sediados em Campanhã).

A derrota republicana obrigá-lo-á a partir para a Galiza na companhia de outros emigrados políticos. Seria curto, porém, o seu exílio galego. Decidindo tentar a sorte no Brasil, desembarca em 28 de Março no Rio de Janeiro. Nesta cidade colabora em *O Jornal* e profere uma conferência sobre a participação de Portugal na Grande Guerra. Desiludido com a indiferença (e até mesmo a hostilidade) a que eram votados os republicanos exilados, muda-se para São Paulo logo no dia 10 de Maio. O seu percurso nesta cidade é semelhante ao anterior: colabora na imprensa (*Colónia Portuguesa*) e profere algumas conferências. Embora o seu acolhimento em S. Paulo seja bem mais afável do que aquele que tivera no Rio de Janeiro,

decide regressar à Europa, rumando a França no dia 21 de Junho, data em que embarca no navio "Monte Olívia". Nesse país permanecerá em Paris até finais de 1928, participando activamente nas reuniões da Liga da Defesa da República (Liga de Paris) e da União dos Emigrados Republicanos. No ano seguinte estabelece-se na região de Bordéus, onde se dedica à comercialização dos vinhos do Douro. Regressa a Paris em 1932 e aí viverá até Julho. Parte então para Vigo, cidade que então acolhia uma significativa colónia de emigrados políticos. O seu tempo é então dividido entre reuniões conspiratórias e viagens de carácter comercial por França, Bélgica e Holanda. Abrangido pela amnistia de 5 de Dezembro de 1932, regressa definitivamente a Portugal, passando a residir no Porto, na Foz do Douro. Em 1939 retoma a sua colaboração no Guia de Portugal e, a partir de 1942 (até 1950), passa a escrever regularmente no Jornal de Notícias. Entretanto, em termos militares, a 6 de Janeiro de 1941, passara já oficialmente à reserva. Era então capitão, posto a que fora promovido no já distante ano de 1923 (10 de Março). Em 1943, apesar dos bons ofícios de Marcelo Caetano (de quem era amigo) o governo nega-lhe a possibilidade de dirigir um jornal vespertino no Porto. uma frustrada iniciativa empresarial que juntaria os directores dos três grandes diários portuenses. Após o final da Segunda Guerra Mundial Pina de Morais intensifica a sua actividade literária e cívica. Em 1946 é co-director da revista Portvcale e presidente da Direcção da Casa da Imprensa e do Livro. Três anos mais tarde, acompanhando outros democratas (e nomeadamente alguns correligionários do PRED), participa activamente na campanha de Norton de Matos para a Presidência da República. A par da sua carreira militar e política, Pina de Morais teve igualmente uma significativa actividade literária. Iniciando-se nessas lides no jornal vila-realense A Democracia, colaborou (para além das já citadas) nas revistas Crisálida, Húmus e Seara Nova, bem como em inúmeros jornais. Destaque-se, além dos já referidos, o clandestino A Revolta. É autor das seguintes obras: Ânfora Partida (1917), Ao Parapeito (1919), O Soldado-Saudade na Guerra-Grande (1921), A Paixão do Maestro (1922), História dum Urso (infantil, 1923), Sangue Plebeu (1942) e Vidas e Sombras (1040).

Pina de Morais faleceu no Porto, no dia 29 de Janeiro de 1953. Está sepultado no cemitério de Cambres (Lamego).

NOTA

Para um melhor conhecimento deste ilustre dunense, veja-se João Luís Sequeira, João Pina de Morais — Vida, Pensamento e obra, Porto, Edições Caixotim, 2007. E ainda, do mesmo autor, Viajar com... Pina de Morais, Porto, Edições Caixotim / Direcçã Regional de Cultura do Norte, 2007.

a coisa crónica

A pecuniocracia



Carlos Vaz

ndo extremamente nauseado pelo alarido da crise que me aborrece até ao tutano da inteligência. Em tempos, encontrei uma interessante divindade grega que agora invoco para explicar o que se segue, falo-vos de *Pecunia*, a deusa do dinheiro, da qual me socorri para vos falar deste cáustico fenómeno que expele toda a matéria da crise mundial, e que vive de tal forma enraizada no nosso quotidiano que a ela é actualmente dedicada toda a possível felicidade humana.

É cada vez mais comum escutarmos que a democracia tomou novas formas e novos dizeres e que o capitalismo parece ser, cada vez mais, a última coluna de toda a liberdade possível, porém, o que de facto acontece, é que neste estranho casamento entre o dinheiro e a liberdade, assistimos ao começo de um novo paradigma que se arrisca a afastar praticamente toda a acção individual da criatividade humana. De um modo geral, a mudança de paradigmas (com excepção das que foram alimentadas por drásticas revoluções) manifesta-se de forma quase imperceptível, apenas visível de forma diacrónica e após a aceitação do contexto mágico do seu aparecimento. De facto, durante todo o processo de evolução de um paradigma, ficamos como fossilizados, aguardando por esta leitura futura que lhe traga o sentido viável para a sua compreensão. A este novo padrão kuhniano que se move na colectividade monetária das massas dei-lhe o nome de pecuniocracia.

Tudo aconteceu então, num belo dia, quando resolvemos subordinar toda a liberdade do pensamento a uma menor cultura comum, capaz de tornar os indivíduos em massas facilmente arrastadas por cegueiras coloridas. Na verdade, a avidez da deusa do dinheiro reside, sobretudo, nesta caldeira vulcânica da menor cultura comum que nos devora as escolas, a comunicação social e a própria arte. Se pensarmos

bem, este pôr a comum da

globalização está fortemente enraizado



em todas as acções democráticas da actualidade, por isso, nunca como agora nos encontramos tão sujeitos à crise, uma vez que esta não encontra os anticorpos necessários, gerados pela diversidade essencial que fortalece toda e qualquer democracia. A menor cultura comum é o campo ideal por onde se move a crise, que rapidamente se alastra como um contágio. Nas escolas, o trabalho e o estudo amainou-se com as transições em massa e objectivos mínimos generalizados; os meios de comunicação social deixaram a voz revolucionária de outrora, para ensaiarem entradas e saídas em sintonia, levando até à exaustão a passividade contemplativa do efémero; mas é sobretudo nas artes onde, a meu ver,

o fenómeno da pecuniocracia merece uma leitura bem mais demorada.

> Pois bem, a menor cultura comum também chegou à arte e tem sido a verdadeira inimiga

da criatividade individual, tão necessária e até mesmo obrigatória em toda a criação. Cada vez mais assistimos a um extermínio de práticas individuais do autodidactismo, das minorias culturais, e do desafio inovador de alguma "arte de umbigo". A máquina dos best-sellers, "tops" de vendas e slogans como "este foi o

livro mais lido nos EUA" – entre outros mecanismos da cultura comum – acabam por diluir os poucos recantos que fazem valer a democracia artística e, por consequência, a social. Neste seguimento, o objecto artístico ganha as mesmas características de qualquer objecto não intelectual, por isso, o facto de ter o livro, o filme, ou a música, vale essencialmente pelo seu suporte tecnológico e não tanto pelo sentido de propriedade em si.

Os tentáculos da pecuniocracia teclam todas as moedas possíveis da arte, fazendo dela uma nuvem, um "avatar" gerida pela menor cultura comum deste novo sentido artístico. Basta passearmos pelas livrarias e galerias para verificarmos que nunca como hoje estivemos tão pobres e vazios de cultura. Os livros andam em torno da fugacidade da moda (ultimamente na dos vampiros) e num clube restrito de autores "pop". Os denominados escritores de umbigo, que não são mais do que autores de exigência, pilares da verdadeira democraticidade, desapareceram do mapa editorial por exigências fugazes da pecunioarte. Também a pintura e a música se enraizaram nesta estética bacoca de repetição vendível, as galerias enchem-se não de diversidade, mas de quantidade, com 300 tiragens da mesma serigrafia ou litografia; na música tudo se resume no apelo pela compra de um único sucesso musical presente em todo o álbum, repetido nas rádios até à

Hoje, o objecto de arte é essencialmente um ícone do folclore capitalista, coisa pecuniocrática, relíquia do altar da deusa do dinheiro.

em notícia

«Bravo, Lapa e Palolo» em Santa Maria da Feira

A Galeria de Exposições da Biblioteca de Santa Maria da Feira tem patente a exposição «Bravo, Lapa e Palolo», constituída por obras da Colecção da Fundação de Serralves. A exposição pode ser visitada até ao dia 13 de Fevereiro de 2011. A mostra reúne obras dos três artistas que se encontram na colecção do Museu de Serralves, assim como em colecções institucionais e privadas que estão em depósito em Serralves. A mostra

não pretende ser antológica da obra de cada um dos artistas mas permite, contudo, a formulação de um olhar particular sobre alguns dos momentos mais relevantes das suas obras, no confronto das diferenças que cada um deles sempre soube cultivar no exercício da amizade e da cumplicidade ética que aos três sempre reuniu. Joaquim Bravo (1935-1990), Álvaro Lapa (1939-2006) e António Palolo (1946-2000) são três pintores

portugueses nascidos em Évora que, coincidindo na amizade e na cumplicidade dos tempos e lugares que partilharam, jamais abdicaram da liberdade irredutível que se manifesta na individualidade de cada uma das suas obras, independentemente dos compromissos, solidariedades ou estratégias de grupo a que os três sempre souberam resistir no contexto de arte praticada em Portugal.

Padre Mário no Vivacidade

Amanhã (dia 16), às 17 horas, Mário de Oliveira – padre, jornalista, professor e escritor – estará no Vivacidade – Espaço Criativo fala do seu percurso espiritual e do trabalho que tem desenvolvido com a comunidade. Como o próprio Padre Mário da Lixa, como é conhecido, diz ser uma voz contra a mentira, a intolerância, a discriminação... Já com uma extensa obra publicada, o padre Mário publicou este ano «O livro da sabedoria», "onde retoma alguns dos seus temas centrais, nomeadamente o de uma 'nova' Igreja fiel aos ensinamentos do seu fundador". São bem conhecidas as suas posições polémicas sobre a Igreja Católica, mas reafirma: "...a minha missão é anunciar o evangelho para que os povos se libertem. Quero manter-me fiel a essa vocação, que exerço completamente de graca". E diz mais. Diz que "enquanto houver um excluído, não seremos verdadeira Humanidade". Dias mais tarde, a proposta do Vivacidade é para os mais pequenos. Sob o lema/tema Aprender é Divertido, promove uma oficina de escrita e representação de texto, para crianças entre os 8 e os 13 anos que decorrerá nos dias 20, 22, 27 e 29 das 10 às 13 horas. Com esta oficina, orientada por Regina Gouveia, pretende-se promover o desenvolvimento de competências e o gosto pela leitura, pela escrita, pela representação e pela ilustração/desenho ao estimular a criatividade e a sensibilidade através da criação e ilustração de textos, criação de cenários e outros. O ilustrador Nuno Gouveia deverá estar presente numa das sessões.

«O quebra nozes» na Alfândega do Porto

Jorge Castro Ribeiro narra e o maestro
José Ferreira Lobo dirige «O quebra nozes»,
de Tchaikovsky, no concerto que se insere
no Ciclo Caixa na Alfândega. Especialmente
dedicada aos mais pequenos, esta é uma oferta
(pois a entrada é gratuita) da Orquestra do
Norte e da Caixa Geral de Depósitos. O evento
terá lugar no dia 18, às 11h30, no Museu dos
Transportes e Comunicações do Porto, Alfândega do Porto.

Jorge Molder vence Grande Prémio EDP Arte 2010

"Todo o reconhecimento que uma pessoa recebe ao longo da vida tem um sabor renovadamente bom", disse o fotógrafo Jorge Molder, ao saber que era o vencedor do Grande Prémio EDP Arte, no valor pecuniário de 35 mil euros e que anteriormente distinguiu Lourdes Castro (2000), Mário Cesariny (2002), Álvaro Lapa (2004) e Eduardo Batarda (2007). Em declarações à Lusa, o artista visual – que se encontra em Berlim a preparar uma exposição que aí realizará em 2011 – acrescentou estar "satisfeito" com o prémio, até pelo que isso significa de valorização da arte fotográfica. Instituído em 2000, por iniciativa da EDP – inicialmente com periodicidade bienal, mas desde



2004 trienal – o Grande Prémio EDP Arte visa distinguir artistas plásticos com carreira "historicamente relevante" e "cujo trabalho tenha contribuído para afirmar as tendências estéticas contemporâneas". Para além da compensação monetária, a distinção prevê ainda a organização de uma exposição retrospectiva do artista.

Circo, música e teatro no Coliseu do Porto

Tecnicamente bem apetrechado, o Coliseu do Porto está preparado para a realização de todo o tipo de



espectáculos. Por isso, se até ao dia 2 de Janeiro de 2011 está montado o Monumental Circo do Coliseu do Porto, outros espectáculos terão lugar naquela sala ainda durante Dezembro. Assim, a 21 sobem ao palco os Harlem Gospel Choir, pelas 21h30, para entoarem os grandes clássicos desta quadra, num concerto de Natal para toda a família. A 26 realiza-se o último concerto Promenade de 2010 (regressa em Janeiro) e será dedicado ao pop musical, «Os Beatles no circo». A Escola D'Artes I'ts You apresenta a 27, pelas 21h30, «O Imperador e o Rouxinol», um conto de Hans Christian Andersen representado por crianças.

Oficinas para crianças na Árvore

A Árvore continua a querer trazer ao seu convívio os mais jovens e, por isso, elaborou já um programa destinada a eles para 2011, mas também para a segunda metade de Dezembro, tempo de férias escolares. Assim, a oficina de cerâmica «Os Presépios e o Pai Natal», terá lugar no dia 20 de Dezembro e a oficina de ilustração «Imaginar Modelando – lugares para as imagens habitarem», será no dia 21. Para 2011, A Árvore já pensou no Carnaval e programou igualmente duas oficinas, uma de ilustração «Ceras e guaches – construção da imagem» para 19 de Fevereiro e outra de pasta de papel «Máscaras de Carnaval» para 26 de Fevereiro e 5 de Março.

Na Páscoa, a oficina de cerâmica «Os Ovos dos Coelhos da

Páscoa» terá lugar a 11 de Abril e a de ilustração «A minha Cidade em cartão» está marcada para 12 de Abril.



em notícia





Daniel Carter, William Parker & Federico Ughi no Maria Matos

Daniel Carter, William Parker & Federico Ughi vão estar na sala principal do Teatro Maria Matos, amanhã (16), às 22 horas. «The Dream» é o único disco que editaram e expõe Daniel Carter a tocar piano pela primeira vez, num estilo reminiscente do incontornável Cecil Taylor ou de Dave Burrell, William Parker a espraiar-se em encantações amplas em tuba

e Federico Ughi afirmando-se como um baterista com níveis de energia e entrega evocatórias de um Rashied Ali, do período Interstellar Space de Coltrane. No entanto, é com base na instrumentação típica e querida a cada um deles, Carter em sopros e piano, Parker no contrabaixo e Ughi na bateria, que a actuação no Teatro Maria Matos tomará forma e conteúdo.

Primeiro Mercado Urbano de Santo Tirso

Santo Tirso vai ter pela primeira vez um Mercado Urbano (MUST), destinado à comercialização de bens, como acessórios de moda, decoração, música, brinquedos, bijutaria, pastelaria e produtos gourmet e obras gráficas. O MUST decorrerá no Mercado Municipal nos dias 18, das 10 às 20 horas, e 19, das 10 às 19 horas. Nesta primeira edição foi dada prioridade a produtos e criadores locais, pelo que o mercado irá contar com participações de individuais e de instituições da região. Para além da vertente comercial, a animação durante o MUST será constante com actividades diversas.

Poesia, fado e folclore

No passado dia 1 o Clube dos Poetas Vivos assinalou a data da restauração da independência com a evocação dos 800 anos da monarquia e com o lançamento de dois livros de poesia. Maria Virgína Monteiro, autora de Longo é o tempo, leu alguns poemas, bem como António Caicho, autor do livro Arco-da-velha. Para falar sobre os 800 anos

da monarquia esteve no uso da palavra o Prof. Dr. Francisco Ribeiro da Silva, a Dra Adelina Vieira e o Dr. Bacelar Ferreira. Como habitualmente o Clube dos Poetas Vivos não dispensou o som das guitarras, com Lacerda e Megre e António Bacelar Barreto, sendo que depois dos fados e da gastronomia minhota seguiram-se as dancas com o tradicional folclore.



João Gil no Concerto de Natal da autarquia

O Concerto de Natal 2010, que a Câmara do Porto oferece nos dias 17 e 18, conta com João Gil,

na companhia de outros artistas bem conhecidos do nosso panorama musical: Ricardo Ribeiro, Nuno Norte (um músico portuense, vencedor da 1.ª edição dos Ídolos), João Campos, o grupo de Gospel "Shout" e Laurent Filipe (elemento do júri do programa Ídolos). Para além do repertório clássico de João Gil, o programa inclui um repertório de Natal a ser interpretado pelo grupo de Gospel "Shout" e por Laurent Filipe. Dois concertos de entrada livre, apenas limitados à lotação da sala. No primeiro dia, o espectáculo tem início às 18h30 e no segundo às 21 horas, no Rivoli Teatro Municipal.

Neste Natal 'ofereça' Eça

A Fundação Eça de Queiroz (FEQ) lembra que, para cumprir o fim a que se propõe, presta vários serviços e comercializa vários produtos, que lhe permitem angariar receitas para fazer face às suas despesas correntes. Assim, sugere que, nesta época festiva em que a troca de presentes é tradição, faça as suas compras na fundação. A FEQ é uma instituição sem fins lucrativos, cujo principal objectivo é a divulgação nacional e internacional da vida e obra de Eça de Queiroz. Do catálogo fazem parte publicações sobre Eça de Queiroz, bem como as obras do escritor, mas muito mais pode ser adquirido na FEQ.

Gondomar: associativismo e solidariedade

A Câmara de Gondomar atribuiu às associações concelhias cerca de um milhão de euros, no âmbito dos cerca de três centenas de protocolos dos Programas de Apoio ao Associativismo Cultural e Recreativo, Desportivo e Social entre as partes. O associativismo cultural e recreativo foi contemplado com 290 mil euros, 160 mil para a área social e, para a área desportiva, quase 600 mil euros. Mas até 23 de Dezembro é tempo, também em Gondomar, se ser solidário através da iniciativa do Pelouro da Juventude da autarquia e da ARGO – Associação Artística de Gondomar «Arte Solidária». A iniciativa concretiza-se na venda de obras de arte oferecidas pelos autores e o valor apurado pelas vendas das obras reverte para a Comissão de Protecção de Crianças e Jovens de Gondomar.

Resultados da avaliação à satisfação dos turistas no Norte

A Comissão de Coordenação e Desenvolvimento regional do Norte, em parceria com o Turismo de Portugal e em articulação com as Entidades Regionais de Turismo do Porto e Norte de Portugal e do Pólo Turístico do Douro apresenta hoje os resultados da avaliação do nível de satisfação dos turistas na Região Norte. A cerimónia decorrerá hoje (15 de Dezembro) às 11 horas, na Fundação de Serralves, Porto. Esta operação inédita a nível nacional pretende responder a questões como qual o nível de satisfação dos turistas na Região do Norte, que factores mais contribuíram para a satisfação dos turistas e o que há a valorizar, a melhorar, a manter.

em noticia

Mais uma publicação de Damas da Silva

«Estórias do Dr. Mocho» é um conjunto de 43 narrativas muito curtas, em tom de fábula, com uma preocupação dominante de retorno à natureza. Damas da Silva é o autor do livro que vai ser apresentado em Vila Real, no dia 17, pelas 21h30, no Auditório da Biblioteca Municipal Dr. Júlio Teixeira, numa sessão organizada pelo Grémio Literário Vila-Realense. A apresentação estará a cargo de Maria Hercília Agarez. Damas da Silva publicou já diversas obras, nomeadamente o romance «Audácia», em 2007.

16.ª Bienal de Cerveira

A arte contemporânea, entendida como "... uma arte que se aproxima da vida quotidiana, reflectindo questões de ordem social, política, cultural, ideológica, estética, cruzando referências de diferentes áreas do conhecimento: sociologia, filosofia, antropologia, design, arquitectura, cinema, teatro, música, dança, novas tecnologias..." é o espelho das recentes tendências

Ao definir o programa para 2011 foi tido em consideração a possibilidade duma discussão alargada acerca do mundo da arte, do qual outras congéneres são agentes e interlocutores. A 16.ª Bienal de Cerveira mantém-se estruturada segundo o modelo que a caracterizou ao longo dum percurso iniciado em 1978. Sob o tema «Redes 2011», o Programa desta edição, procura fomentar estratégias, para o estabelecimento de diálogos, entre outras bienais internacionais. Terá lugar entre 16 de Julho e 17 de Setembro de 2011 e já se encontra disponível o Regulamento e Ficha de Inscrição em www. bienaldecerveira.pt. O artista plástico Augusto Canedo é director do evento pela segunda vez.

Animação turística no Douro

A exposição «Fotografias do Douro» inaugura hoje no Museu de Lamego e estará patente até 15 de Janeiro de 2011. Sexta-feira, dia 17, «Alguém olhará por mim» sobe ao palco do Pequeno Auditório do Teatro de Vila Real, às 22 horas por Ensemble – Sociedade de Actores. Mas é também dia de música e às 16 horas, o Grupo Eire actua na Igreia de Sendim, em Miranda do Douro, espectáculo inserido na temporada de Música Antiga no Douro 2010-2011. A comédia musical chega de Franca com «Chez Lucien», pelas 21h30 do dia 18, no Auditório do Teatro Ribeiro da Conceição, Lamego, Ainda a 18 de Dezembro, às 22 horas, o Pequeno Auditório do Teatro de Vila Real acolhe um projecto musical que cativa miúdos e graúdos, o Cantarolando. A Temporada de Música Antiga no Douro 2010-2011 prossegue com o Grupo Coral São João da Madeira, no dia 19, pelas 17 horas na Sé de Miranda do Douro.

O Dinheiro da República...

Nicolau Santos apresenta o livro de João Fragoso Mendes «O Dinheiro da República – Memória do Escudo» amanhã, dia 16, pelas 18h30, na Culturgest, Lisboa. O director-adjunto do Expresso apresenta a obra publicada pela Âncora Editora e a Prosafeita.



«O Boi do Povo e outros textos»

A apresentação do livro «O Boi do Povo e outros textos», de Bento da Cruz, é apresentado no dia 17, pelas 18h30, na sede da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto. A apresentação da obra do escritor transmontano, que completou 50 anos de carreira literária cabe ao crítico literário Ramiro Teixeira.

Nuno Simões ganha prémio internacional para solista B

O mais recente músico do naipe de percussionistas da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música é Nuno Simões, formado pela Escola Superior de Música, Artes e Espectáculo (ESMAE), depois de ter ganho o concurso internacional para solista B. O segundo lugar também foi para um português, André Dias, que frequenta o curso de percussão da ESMAE. O pódio ficou completo por um candidato de nacionalidade francesa. Nuno Simões é convidado habitual da Orquestra da Gulbenkian e tem sido laureado em concursos nacionais e internacionais, tendo conquistado o primeiro prémio de nível superior na última edição do Prémio Jovens Músicos da Antena 2.

Concurso de Fotografia Geraldes da Silva

A Galeria Geraldes da Silva está a organizar um concurso de fotografia com dois grandes objectivos primordiais: promover e divulgar o trabalho de novos autores e criar raízes de uma nova linha editorial na galeria. Os projectos, entre três e dez fotografias inseridas numa das três seguintes categorias: Fotografia Documental, Cultura Portuguesa e Fotografia Artística, devem ser entregues até 25 de Março de 2011.

Vila do Conde cenário do Estaleiro

Os responsáveis do Curtas Vila do Conde – Festival Internacional de Cinema avançam com um novo projecto, o Estaleiro, que se iniciará em Janeiro de 2011 e, tendo como base Vila do Conde, prolongar-se-á durante 20 meses, realizando e produzindo 20 ateliês, 20 concertos e 20 filmes. O Estaleiro divide-se em três grandes programas: Animar, Campus e Cinema expandido. Mas haverá ainda um quarto programa: os concertos no Estaleiro.

Nova criação de Alain Platel, em Guimarães

A companhia belga les ballets C de la B regressa ao Centro Cultural Vila Flor, Guimarães, no próximo dia 17, às 22 horas, para apresentar a mais recente criação de Alain Platel, «Out of Context - For Pina», um espectáculo dedicado à lendária coreógrafa e bailarina alemã Pina Bausch. Neste espectáculo. Alain Platel regressa ao essencial da danca, partindo da convicção de que o corpo humano é uma ferramenta emotiva, um detentor de memórias, uma matéria-prima para a arte. O corpo é a sua base de trabalho. São privilegiados os movimentos que surgem do inconsciente e do descontrolado, como espasmos, bater de dentes, expressões faciais, deseguilíbrio e todos os andares estranhos. Em palco, os bailarinos - que trabalham há já algum tempo com Platel - exploram todos os movimentos do corpo em estado de histeria.

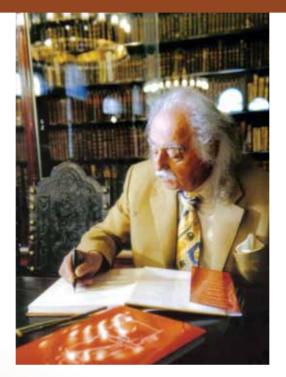
em destaque

Clube Literário do Porto 'acolhe' Mestre Adelino Ângelo

«Reencontro com a humanidade»

delino Ângelo é nome de mestre. Espera-se que venha a ser nome de Casa Museu em Vieira do Minho, onde nasceu. Uma ideia do anterior presidente da autarquia que o visado aceitou "de bom grado", mas não obstante ainda terem sido levadas a cabo obras para a beneficiação da casa, o acordo não se concretizou. O actual presidente da vila, Jorge Dantas, mantém vivo o projecto à luz do acordo vitalício que existe entre a câmara e a fundação que o mestre criou com algumas das suas obras para que fizessem parte do património do museu. Adelino Ângelo lembra que foram facultados fundos para os trabalhos que deveria transformar a casa onde Adelino Ângelo nasceu na Casa Museu com o seu nome, mas hoje é a Casa da Cultura da vila

Entretanto, o mestre tem outros projectos a que se entrega, como a inauguração da exposição «Reencontro com a humanidade», no próximo dia 17, às 18h3o, no Clube Literário do Porto, juntamente com a apresentação do livro «Pincel Pessoano», de Maria



Antónia Jardim, sobre o artista plástico. A apresentação estará a cargo de Fernando Augusto Morais. Mas também a realização de um vídeo sobre a sua vida e obra, que deverá ser apresentado no decorrer do primeiro trimestre de 2011. Na primeira pessoa explica em que ponto se encontra: "Neste momento ainda está na fase das gravações, pois falta uma entrevista a uma pessoa que reside em Roma e que durante este mês estará em Portugal" para a gravação.

44

"O verdadeiro artista é aquele que provoca, razão porque denuncio com a minha pintura o rosto da sociedade em que vivo. Neste sentido sou um provocador."

Adelino Ângelo









■Choro sem láarimas

Mestre Adelino Ângelo

Nascido a 8 de Novembro de 1931 em Vieira do Minho, cedo foi viver para Guimarães onde residiu e estudou até ao décimo segundo ano, seguindo para a Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. Aos 17 anos já era considerado o melhor desenhador, o que lhe permitiu pagar os estudos e a estadia na capital. Foi professor na Escola Comercial e

Industrial Francisco de Holanda em Guimarães entre 1961 e 1971 e ali pintou gratuitamente, a pedido do director, painéis de personagens do Estado e Reis. A biografia de Adelino Ângelo não é reproduzível pela extensão e pelas viagens das suas obras em Portugal e no mundo. Só em Bienais Internacionais esteve em oito. Para além de

homenagens variadíssimas, tem uma extensa obra escrita sobre si e há algumas a publicar em breve, incluindo a «Biografia do Mestre Adelino Ângelo». Retratou, por encomenda, inúmeros retratos, a maior parte de personagens de destaque da Igreja, como o Papa D. João Paulo II, da política, da Medicina, do meio intelectual e artístico.

"Se continuo a pintar a dor do ser humano, loucura e os nómadas, então a minha pintura encaixa em pleno no modernismo, não fossem estas as características mais vincadas da sociedade onde me insiro".